

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2010

3



museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 3
Setúbal 2010**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ficha Técnica

Edição

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Direcção

Joaquim Martins Gonçalves (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Marques da Silva
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Canova Moutinho
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redactorial

Antónia Coelho-Soares
Amélia Pardal
Clara dos Santos
Fernanda do Vale
Germesindo Silva
Graça Filipe
Isabel Vicente
Luís Ferreira
Miguel Correia
Rosa Bela Azevedo
Rosário Gil
Teresa Rosendo

Secretariado e correspondência



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678
Email - maeds@mail.telepac.pt

© - Direitos reservados pelos autores e MAEDS. Interdita a reprodução de imagens.

Capa

Moinho de Maré do Cais (Montijo). Foto da Câmara Municipal de Montijo.

Contracapa

Estela-menir II da Anta Grande do Zambujeiro, fotos de arquivo do MAEDS; placa de xisto gravada da Anta Grande do Zambujeiro, esc. 1:1, foto de Manuel Ribeiro.

Execução gráfica

Ana Paula Covas

Tratamento de imagens

Ana Castela

Impressão e acabamento

Depósito legal n.º

ISSN

1646-0553

Tiragem

1400 exemplares

Índice

Museus	7
Joaquina Soares <i>Museologia de escala regional. Breve reflexão a partir das rotinas do MAEDS</i>	9
Cíntia Mendes <i>Plano das Memórias do Concelho de Alcochete</i>	21
Carmen Carvalho <i>O Museu Mineiro do Lousal. Mina de Ciência - Centro Ciência Viva</i>	27
Maria Clara Santos <i>O moinho de maré de Alhos Vedros e a exposição temporária “O Ciclo do Pão”</i>	34
Micaela Casaca Sécio <i>O Moinho de maré do Cais. Experiência de uma musealização in situ</i>	43
Francisco Borba <i>O Museu de Setúbal e o seu fundador, João Botelho Moniz Borba</i>	49
Arqueologia	63
Françoise Mayet <i>Robert Etienne (1921 - 2009)</i>	65
Joaquina Soares <i>Dólmen da Pedra Branca. Datas radiométricas</i>	70
Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87</i>	83
Michelle Teixeira dos Santos <i>Alguns materiais inéditos do Moinho da Fonte do Sol das colecções de arqueologia do Museu Municipal de Palmela</i>	130
Mário Varela Gomes <i>Estela epigrafada, da I Idade do Ferro, da Cerca do Curralão (Almodôvar, Beja)</i>	137
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Licínia Nunes Correia Wrench <i>Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga</i>	149
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte, Ricardo Miguel Godinho <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12</i>	165
Outros Patrimónios	179
Carlos Beloto <i>Onde e como estão os mosaicos romanos em Portugal? Um olhar do lado da conservação</i>	181
Francisco Rasteiro, Soraia Matos, Marisa Loureiro, João Santos <i>Sistema do Frade</i>	197
Rosalina Carmona <i>Barreiros e Barreiro. Considerações em torno de um topónimo</i>	207
António Camarão <i>Alburrica - Mexilhoeiro. Um conjunto patrimonial</i>	215
Alexandre Arménio Tojal <i>Platibandas: funcionalidade e estética na arquitectura doméstica oitocentista da Aldeia Galega / Montijo</i>	221
Adelina Gomes Domingues <i>As artes de pesca em Sesimbra</i>	229
Ana Alcântara <i>A indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854-1914)</i>	237
Carmen Carvalho e Purificação Pereira <i>Os lagares de azeite na vila de Grândola</i>	247
Carlos Mouro e Horácio Pena <i>Um colecionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)</i>	257
Gentil José Cesário <i>1755 - O terramoto de todos os santos em Santiago do Cacém</i>	279

Um coleccionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)

CARLOS MOURO*
HORÁCIO PENA*

RESUMO

António Casimiro Arronches Junqueiro (13/1/1868 - 3/8/1940) foi um dos mais destacados setubalenses da sua geração. Autodidacta persistente, guiado por insaciável curiosidade, à custa de indizíveis canseiras e de aturada investigação, fez-se naturalista, etnógrafo e arqueólogo. Distinguiu-se, ainda, como poeta, prosador e dramaturgo. Foi astrónomo amador, fotógrafo e pintor de mérito. Ao lado de seu pai conta-se entre os pioneiros do republicanismo local, ocupando cargos públicos após a implantação da República, em 1910. Apresenta-se aqui uma resenha biográfica de Arronches Junqueiro e publica-se um conjunto de doze cartas inéditas que, no final da vida, dirigira ao seu particular amigo Luís Lopes Silveira.

ABSTRACT

António Casimiro Arronches Junqueiro (13/1/1868 - 3/8/1940) was one of the most prominent “Setubalense” of his generation. Driven by curiosity he became a naturalist, archaeologist and ethnographer, adistinguished poet and writer. He also was an amateur astronomer and painter.

Side by side with his father he was one of the pioneers for the local republican movement, and had several public offices after the 1910 Republic.

A biographical summary of Arronches Junqueiro is presented here as well as the publication of a set of twelve unknown letters sent by him at the end of his life to his dear friend Luís Lopes Silveira.

“... por não deixar no esquecimento homens e factos que nos devem merecer; ao menos, uma recordação carinhosa e um enternecido respeito”.

(Arronches Junqueiro, *Setúbal no meado...*, p. 1)

A 13 de Janeiro de 2008 cumpriram-se 140 anos sobre a data natal, em Setúbal, do eminente homem de saber, exímio prosador, apreciado poeta, meritório artista plástico, atento e participativo cidadão António Casimiro Arronches Junqueiro. Na cidade que foi seu berço e a cujo estudo e divulgação dedicou o amor e carinho que em sua alma grande cabiam, nem uma única voz se fez ouvir, por débil que fosse, em celebração de tão significativa efeméride. Sabemos bem que os hodiernos ventos não sopram favoráveis a celebrações de carácter cívico e de feição comemoracionista... A voragem do tempo que corre impõe-nos (exige-nos, mesmo) um ritmo de viver que não se coaduna com a sã

prática reflexiva a qual implica o olhar atento e a actuação constante sobre o passado. Ora é nesse passado que buscaremos as raízes do que somos e é nele, afinal, que encontraremos as forças necessárias para traçar o rumo certo no desvendar dos caminhos do porvir, do futuro colectivo.

Neste contexto impõe-se a questão: Que pode interessar aos modernos setubalenses a figura de Arronches Junqueiro sobre cuja data de nascimento se cumpriram 140 anos? Pese embora o carácter romântico da sua poesia, hoje de difícil leitura; possam os seus conceitos históricos, arqueológicos, científicos... estar desactualizados, o que fica da vida de Junqueiro e o que dele deve ser rememorado

* Investigadores de temas da história local.

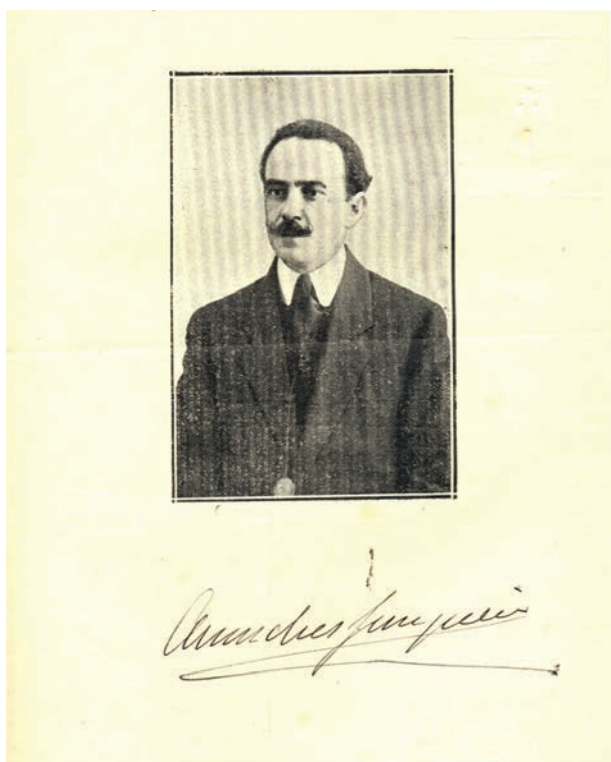


Fig. 1 - Arronches Junqueiro. Foto impressa e colocada por Luís Silveira a abrir algumas obras do autor.



Fig. 2 - Casa sita na Rua Arronches Junqueiro, na qual este setubalense passou a infância..

é, sobretudo, o exemplo cívico de dedicação a Setúbal e aos setubalenses, cuja história, arqueologia, tradições, flora e fauna estudou apaixonadamente.

A infância de Junqueiro foi dividida entre uma casa da vetusta Rua de S. Sebastião (hoje designada, precisamente, Rua Arronches Junqueiro) e a Quinta da Laje, na Estrada das Machadas, ao fundo da Azinhaga de Santo António, a caminho do antigo Convento de São Paulo. Na primeira estabelecia-se a família no Inverno, enquanto que na segunda eram passados os meses de Estio.

Por 1938 aquela primeira residência e os tempos nela vividos seriam nostalgicamente evocados por Junqueiro que, atingidos os 70 anos, como que se despedia já da vida. Numa das belas páginas do seu traba-

lho inédito *Setúbal no meado do século XIX* escreveu o nosso autor, a propósito dessa saudosa moradia:

“A casa em que vivi, até que a troquei por esta da Quinta da Laje, existe ainda na Rua de S. Sebastião (hoje 20 de Abril)¹ tornejando para a Travessa de Francisco Pereira.

“Estou-a vendo inteiramente. Um mundo enorme de recordações, cujo sabor me dulcifica o fel que os anos têm segregado no meu coração...

“Lembro-me bem da sala, chamada dos Pastores, com os seus frescos representando cenas pastoris, o tecto de madeira pintado ao gosto do século dezoito, com um grande medalhão oval, ao centro, representando a força do amor simbolizadas em três figuras: uma Mulher, um Cupido e um Leão.

1 - Esta artéria urbana estabelece a ligação entre a Porta de São Sebastião – aberta, a nascente, na muralha medieval de Setúbal – e o actual Largo da Misericórdia. Não surpreende, assim, que antigamente se designasse por Rua Direita da Porta de São Sebastião. Em 1891 a via é já conhecida por Rua de São Sebastião. Em 1910, uma onda laicista varreu a toponímia urbana portuguesa. Setúbal não escapou a esse momento de renovação. Assim, em reunião municipal de 25 de Agosto de 1914, o topónimo Rua de São Sebastião foi substituído por Rua 20 de Abril supomos que em celebração da data de publicação da Lei de Separação da Igreja do Estado (20 de Abril de 1911). Após a morte de Arronches Junqueiro a C. M. S., presidida pelo major Alfredo Augusto Xavier Perestrelo da Conceição, atribuiu à Rua 20 de Abril, o nome do emérito setubalense, pouco antes falecido. Lê-se no periódico *A Indústria*, de 5 de Outubro de 1940: “Na sua sessão de quinta-feira última [3 de Outubro] a Câmara Municipal de Setúbal prestou homenagem à memória do setubalense ilustre António Casimiro Arronches Junqueiro e deliberou, por proposta do vereador Sr Dr. António Santana Carlos, dar o seu nome à Rua 20 de Abril”. Nascia assim a ainda hoje existente Rua Arronches Junqueiro. O *Editál* respectivo foi assinado a 7 de Outubro de 1940 pelo presidente da edilidade, Perestrelo da Conceição. (Carlos Mouro e Horácio Pena, *Para a história da I República em Setúbal. A Revolução Toponímica (1910-1926)*, Setúbal, Fevereiro de 2007. Trabalho inédito).

“Dessa sala apenas existe hoje (1938) o tecto. Os frescos foram substituídos por um lambrim de madeira e papel pintado. Confesso que quando o vi, senti uma lágrima de revolta, de angústia, não sei; talvez apenas de saudade...

“Nova mágoa me estava ainda reservada nessa romagem que na companhia de meu velho e querido amigo Luís Silveira², fiz aos lugares santos da minha vida...

“Desaparecera a casa de jantar e o meu pequeno quarto de criança. Fundiram-no numa só casa, para mim incarácterística. Só restava a janela da travessa, a minha janela, aquela aonde passei os melhores dias da minha vida! Querida janela! Quantas recordações me evocas, todas simples, todas ingénuas, todas benditas!

“Quis ainda ver-te uma vez ao menos, ver as tuas vidraças, os teus caixilhos, as tuas portas, que decerto me reconheceram... apesar de tão velho ali voltar...”³.

Concluído o curso dos liceus, Arronches Junqueiro abandonou a aprendizagem formal. Beneficiando de um meio familiar intelectualmente estimulante, economicamente desafogado e, para mais, sendo filho único, o jovem estudaria, guiado primeiro pelos progenitores e, depois, por conta própria, tornando-se num dos mais brilhantes espíritos setubalenses da sua geração. Uma incansável curiosidade, indizíveis canseiras e aturada investigação fizeram dele um exímio e reconhecido naturalista; um etnógrafo e um arqueógrafo aceite e aplaudido pelos seus pares; um reconhecido poeta, prosador e dramaturgo; um seguro memorialista; um astrónomo amador inteligente e um artista plástico de mérito.

Não espanta que a tão alto tenha ascendido este astro setubalense. Seu pai – Henrique Carlos Junqueiro (1830-1901) – fora também aplaudido como



Fig. 3 - Folha de rosto da obra manuscrita *Setúbal no meado do século XIX* (1936), de Arronches Junqueiro.

autor dramático e como poeta, legando obras publicadas e inéditas⁴. Ainda do lado paterno, sua avó descendia de uma irmã de Frei Francisco de Santo Inácio Carvalho (1770-1856) – homem também da-

2 - Luís Lopes Silveira. Começou por ser Ajudante de Conservador do Registo Civil e, mais tarde, foi Conservador do mesmo. Casou a 15 de Janeiro de 1910 com Lucília Amélia de Almeida Jordão (?-1938), filha do industrial e conselheiro da Misericórdia Rodrigo dos Santos Jordão (?-1911). A 28 de Dezembro daquele mesmo ano, foi eleito primeiro secretário da Assembleia-geral do Centro Republicano de Setúbal. A 30 de Novembro de 1919 entrou para o Club Setubalense, proposto por Francisco Fernandes. Era dado como “Ajudante Oficial do Registo Civil”. Pediria a demissão de sócio a 17 de Novembro de 1933 e anulou o pedido, dias depois. Em 1923 era presidente do Grémio Literário e Artístico Setubalense – antecedente do actual Ateneu Setubalense. Colaborou na imprensa local, nomeadamente n’*O Elmano*, em 1909, e foi secretário de redacção d’*A Folha de Setúbal*, periódico republicano-nacionalista, que tinha por director político o sesimbrense Joaquim Brandão (1876-1927), publicado entre 12 de Abril de 1923 e 24 de Julho de 1924. Dirigiu o jornal local *A Opinião – Periódico Republicano Nacionalista* publicado entre 16 de Julho de 1925 e 21 de Janeiro de 1926. Em 1930 elaborou um *Documentário da Primeira Exposição Regional do Distrito de Setúbal*. São dois grossos volumes, importante repositório de recortes de imprensa, programas e outros documentos relativos àquela iniciativa regional, que se guardam na BPMS. Luís Silveira faleceu a 6 de Março de 1943.

3 - Arronches Junqueiro, *Setúbal no meado do século XIX*, Setúbal, Quinta da Laje, 1936, p. 185. Original manuscrito existente na Biblioteca Pública Municipal de Setúbal (FLDA-50).

4 - Contam-se entre essas obras: *Uma viagem de recreio a Madrid por ocasião da festa de Santo Isidro. Descrição singela por Henrique Carlos Junqueiro*, saída dos prelos em 1871; um drama sacro, de título *Simeão e Raquel ou o começo da redenção*, em sete actos e doze quadros, ornado de música, versando e solenizando o nascimento do Cristo (presumivelmente escrito em 1858, mas só publicado em 1875) e *O Caluniador*, comédia-drama, em três actos, publicada em 1875. As duas últimas peças conheceram o palco no Teatro Almeida Garrett que em tempos funcionou na antiga Rua de S. Domingos, a rua onde, segundo alguns, nasceu o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), actualmente designada por Rua Edmond Bartissol, em homenagem ao Visconde de Bartissol (1841-1916), cidadão francês que adquirira a casa-berço de Elmano Sadino a qual, posteriormente, ofereceria ao município setubalense.

do às letras, cuja obra se teria perdido por completo não fosse a iniciativa do setubalense Francisco Eduardo Gomes Cardim (1846-1904) que fez imprimir o volume *Descrições enigmáticas ou divertidas adivinhações*, que Manuel Maria Portela (1833-1906) prefaciou num gesto de singela homenagem àquele velho eremita que em tempos conhecera⁵.

Por outro lado, a mãe de Junqueiro – Guilhermina da Conceição Arronches (1835-1908) – era filha de José Cipriano Arronches (falecido em Lisboa, em 1878), antigo músico da Casa Real, regente da banda dos Voluntários da Guarda Nacional e principal iniciador da primeira agremiação musical da vila de Palmela: a Sociedade Filarmónica Palme-lense, da qual descendem as duas colectividades recreativas hoje ali existentes.

Por seu turno, o próprio Arronches Junqueiro casaria com Maria Georgina de Carvalho, que não era estranha aos segredos das letras e das artes, filha de José Luciano de Carvalho⁶, o primeiro bibliotecário setubalense, e irmã de Luciano Evaristo de Carvalho⁷, o segundo bibliotecário. A este sucederia, como terceiro a ocupar aquele cargo, precisamente seu marido – Arronches Junqueiro. Após o enlace, celebrado a 17 de Outubro de 1888, na paroquial de São Sebastião, o jovem casal foi residir na Quinta da Laje onde, até então, como vimos, a família Junqueiro se refugiava dos rigores da canícula. Pois foi nesse retiro que o nosso biografado – o homem que em jovem não havia querido seguir curso superior – se lançou ao estudo (amador, autodidacta, sério e apaixonado) dos valores naturais e culturais da região em que nascera. A todos os interesses cultivou com dedicação extrema e com saber invulgar,

tornando-se numa espécie de derradeiro “humanista” setubalense. Nessa tão amada tebaida – bastas vezes o nosso autor se referiu a si próprio como sendo um eremita – Junqueiro constituiu, com tenacidade beneditina, um insectário e um herbário regionais; uma colecção geológica que ofereceria, em 1908, à Escola Liberal de Setúbal; uma elogiada colecção de história natural que, em 1921, entregaria à cidade natal, depositando-a no Liceu Bocage, nesse ano elevado à categoria de Liceu Central.

Na Quinta da Laje e a partir dela traçou Junqueiro o seu sucesso. A 23 de Maio de 1939, numa carta a Luís Silveira (a Carta 4 que adiante publicamos) escreveu, a propósito daquele ameno retiro: “Quero a esta Quinta da Laje, como se pode querer a uma mãe. E de facto, ela foi a minha mãe espiritual. Foi nela, no seu altar, em que depus os guizos foliões da minha mocidade um tanto agitada, que se geraram os meus pequenos triunfos. Foi nela que vivi vinte anos, na contemplação dos infinitos quadros da Natureza que, purificando a minha alma, se abriram os largos horizontes da vida espiritual. Quero-lhe como a minha segunda mãe. A primeira (santa Mãe) deu-me o ser. A segunda abriu, aos meus olhos, a glória eterna do Belo, do Puro, do Simples, trindade augusta em que se desdobra Deus!”

No eremitério da Laje, revelar-se-iam e consolidar-se-iam os inúmeros valimentos intelectuais de Arronches Junqueiro – “uma espécie de cristal de várias faces, reflectindo a sua intuição artística, a sua preparação científica, a sua queda para as divagações literárias e o seu gosto pelas graças campesinas, à luz suavíssima duma séria inspiração poética”⁸, para nos servirmos das palavras

5 - *Descrições enigmáticas ou divertidas adivinhações facilmente inteligíveis para proveitosa lição e decente desafogo da bem educada mocidade, nas horas vagas dos seus outros mais sérios e úteis exercícios compostas sobre a variedade de objectos, não somente naturais e físicos, mas também morais e abstractos ou metafísicos, etc. distribuídas em duas partes por seu autor F. de S. I. C., ano de 1831 precedido da biografia do autor por M. M. Portela*, Rio de Janeiro, Livraria de Serafim José Alves – editor, s/d..

6 - José Luciano de Carvalho nasceu nos Açores a 23 de Dezembro de 1838 vindo a falecer em Setúbal a 27 de Fevereiro de 1897. Foi casado com Maria João Murta (Setúbal, 16-5-1837/Lisboa, 3-8-1911). Desta união nasceram Luciano Evaristo de Carvalho (1871-1916) e Maria Georgina de Carvalho que viria a casar com Arronches Junqueiro. Foi o primeiro responsável pela Biblioteca de Setúbal, em 1874, sendo nomeado bibliotecário em 1888.

7 - Filho do maestro açoriano José Luciano de Carvalho (1838-1897) e de Maria João Murta (1837-1911), nasceu em Setúbal a 21 de Dezembro de 1871. Entre 1890 e 1912 foi responsável pela Biblioteca Municipal de Setúbal, instalada nos Paços do Concelho. Terá organizado uma *Bocagiana*, acompanhada de competente iconografia e um *Catálogo bibliográfico dos escritores setubalenses*. Todo este trabalho se consumiu no incêndio do edifício municipal, na noite de 4 para 5 de Outubro de 1910. No sinistro terá ainda perecido um livro de versos muito pessoais e íntimos intitulado *Sirius*. Colaborou na imprensa local (*Revista de Setúbal*, *O Elmano*, *Eco de Setúbal*) e no lisboeta *República*. Em 1899 dividia com Joaquim Brandão (1876-1927) a redacção do semanário republicano setubalense *A Folha de Setúbal*. Em 1901, sempre com J. Brandão a quem se juntara Paulino de Oliveira (1864-1914), um outro conhecido republicano sadino, L. E. de Carvalho assegurou a redacção do “semanário democrático” *O Sul*, nesse ano fundado. Faleceu, em Lisboa, em Outubro de 1916.

8 - Cabral Adão, “O Direito de viver”, *O Distrito de Setúbal*, 24 de Março de 1954.

do médico, publicista e poeta Luís Cabral Adão⁹.

Como homem de letras, Junqueiro foi poeta, dramaturgo e memorialista.

A poesia junqueiriana consta de oito volumes (quatro publicados¹⁰ e outros tantos inéditos¹¹), além de inúmeras composições avulsas insertas nas páginas dos periódicos locais¹², impressas a propósito de qualquer ocasião especial¹³ ou, pura e simplesmente, inéditas¹⁴. Após a leitura das poesias reunidas no livro *Campos da minha terra* escreveu Cabral Adão, a propósito do estro do nosso autor: “As poesias de Arronches Junqueiro são duma candura tão natural, de engenho tão desafectado, como as flores do campo ou a espuma das praias. Tratam de caminhos rústicos, de candeias do lar, de neve, de laranjeiras, de fontes, dum álamo que existiu no Rio da Figueira, de estevas brancas, de andorinhas, de ribeiros, de bois mansos e de lendas, a lenda do Pedrão de São Luís, na serra, onde uma moira viveu encantada em cobra...”¹⁵.

Enquanto autor teatral, Junqueiro será memorável pelo drama em quatro actos *A Barcarola*, que saiu impresso dos prelos da Tipografia do Dia, na Calçada da Cabra, n.º 7, em Lisboa, e traz estampada a indicação: “Representado na récita de inauguração do teatro D. Amélia em Setúbal, na noite de 1 de

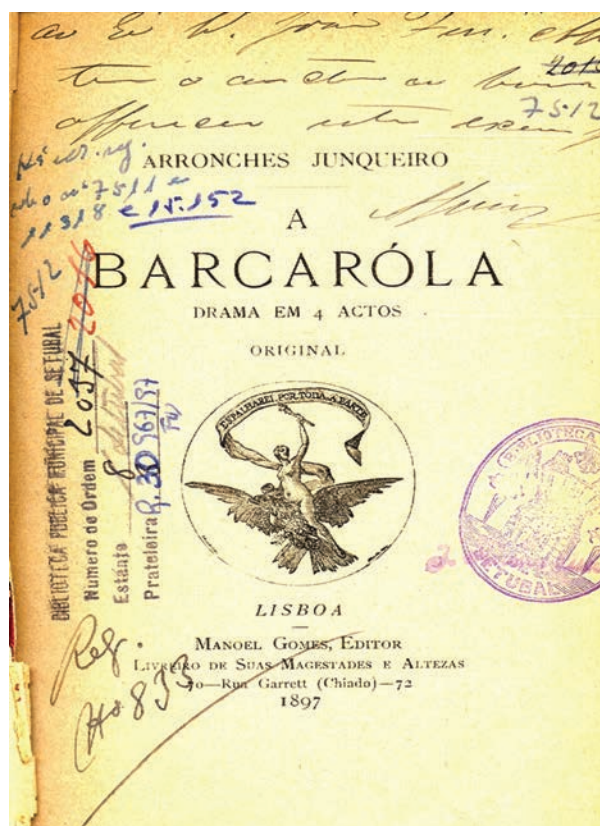


Fig. 4 - Folha de rosto de *A Barcarola* (1897) peça da autoria de Arronches Junqueiro. Foi com a representação deste texto que se inaugurou, a 1 de Agosto de 1897 o teatro D. Amélia, de Setúbal.

9 - Natural de Vila Flor, distrito de Bragança. No ano em que obteve a especialização em Estomatologia (1938) rumou a Setúbal onde estabeleceu consultório, no Largo da Misericórdia. Na foz do Sado fez-se publicista e poeta. Colaborou na imprensa local (nomeadamente n'O *Setubalense* e n'O *Distrito de Setúbal*) tendo deixado impressa, autonomamente, uma significativa obra poética e em prosa. Pelos anos cinquenta do século passado foi fundador e animador da tertúlia poética *Arcádia da Fonte do Anjo*. A 30 de Abril de 1988, ao cumprirem-se 50 anos de permanência em Setúbal, um grupo de admiradores e amigos homenageou-o, fazendo descerrar uma lápide na chamada 'praia das rochas', junto ao Outão, e realizando um animado jantar. Faleceu com 82 anos, a 6 de Agosto de 1992, em Almada, onde residia, sendo sepultado na terra natal, em jazigo de família. No dia seguinte ao do passamento, seria apresentado em Setúbal o livro *Um tesouro guardado...* que reúne fotos de Américo Ribeiro (1906-1992) com textos de Cabral Adão que, assim, não pôde ver impressa a obra à qual prestara a sua derradeira colaboração. Ao nome deste médico e poeta ficará para sempre ligado o epíteto que criou para designar a cidade que o adoptara: *Setúbal – cidade do rio azul*. (João Francisco Envía, *Setubalenses de mérito*, Setúbal, Ed. do autor, 2003, pp. 299-302).

10 - *Flores d'Alma*, Setúbal, Tipografia Mascarenhas, 1894; *Urzes*, Lisboa, Manuel Gomes Editor, 1896; *Ligeira nuvem... episódio infantil em verso*, Setúbal, Tip. Mascarenhas, 1908; *Abelha e Malmeker: diálogo infantil em verso*, Setúbal, Tip. Mascarenhas, 1916.

11 - *Laura*, “poema em cinco cantos” aprontado em 1914 mas cuja composição remonta a 1906; *Campos da minha terra*, 1920; colectânea poética *Pedaços d'Alma*, 1920, que reúne composições datadas de entre 1895 e 1918; *Tumulares* (sonetos), que reúne várias produções escritas entre 1914 e 1920.

12 - De que citaremos, apenas, uma dezena de exemplos: “A Noite de Jesus” (*O Elmano*, 6-1-1909); “Ruínas...” (*Idem*, 30-10-1909); “Noite de Natal” (*Idem*, 25-12-1909); “O Poeta e a Floresta” (*Idem*, 9-10-1909); Poema dedicado a Bocage (*A Folha de Setúbal*, 13-9-1912); “Aos imortais aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, na sua visita à cidade de Setúbal em 15 de Abril de 1923” (*A Folha de Setúbal*, 19-4-1923); “Campos da minha terra” (*Idem*, 10-5-1923); “Sonhos” (*Idem*, 24-5-1923); “A Pérola” (*Idem*, 5-7-1923); “Lição” (*Gazeta Académica*, 29-11-1923).

13 - Pequena pagela *O Asceta*, Setúbal, Julho de 1896. Escrita para ser recitada no Teatro Bocage por ocasião dos festejos do Antigo Círio da Arrábida. (Recentemente esta composição de Junqueiro foi incluída na colectânea *A Serra da Arrábida na poesia portuguesa*, pp. 136-138, organizada por António Mateus Vilhena e Daniel Pires, editada em 2002 pelo Centro de Estudos Bocageanos); *Pelas crianças*, 29-6-1915; *Hora Solene*, poesia obsequiosamente feita a pedido de 'mademoiselle' Julieta Líbano, tesoureira da subcomissão da Cruzada das Mulheres Portuguesas em Setúbal, para o espectáculo em benefício das vítimas da guerra, e em homenagem ao 3.º batalhão do Regimento de Infantaria 11, expedicionário à França, datado de Setúbal, 14 de Abril de 1917, composto e impresso na Oficina da Papelaria Luso Brasileira, em Lisboa; *Paz!*, Setúbal, s/n, 1918 (poema escrito ao ser anunciado o armistício); *Pelas crianças*, dedicado “ao meu querido amigo Raul Santos”, 9-9-1920; *Recordação da festa de caridade que o grupo “O. Q. V. M. Q. T.” promoveu no 1.º de Janeiro de 1921, para os Pobres e Asilos de Setúbal*, cartão impresso com bela cercadura; *Ao Dr. Mendes Dórdio. Carinhoso Director do Sanatório do Outão*, Setúbal, Tipografia Mascarenhas & C.ª, 13 de Outubro de 1922; *A Pedido do meu amigo Luís Silveira. A favor dos alunos da Casa Pia de Évora, na récita de caridade realizada em Setúbal no teatro Luísa Todi*, 24-3-1923; Soneto *Aos imortais aviadores portugueses Gago Coutinho Sacadura Cabral, na sua visita à cidade de Setúbal em 15 de Abril de 1923*. (Todos os exemplos citados estão em: *Poesias, sonetos, a-propósitos dispersos de Arronches Junqueiro*, posse Luís Silveira, 1.º volume. (BPMS: FLDA-144).

14 - Como as que se guardam em: *Poesias, sonetos, a-propósitos dispersos de Arronches Junqueiro*, posse Luís Silveira, 1.º e 2.º volumes. (BPMS: FLDA-144 e FLDA-145).

15 - Cabral Adão, “O Direito de viver”, *O Distrito de Setúbal*, 24 de Março de 1954.

Agosto de 1897”¹⁶. É o volume antecedido por uma espécie de prefácio assinado por Augusto de Melo, um dos actores que na já tão longínqua noite estrearam o palco do D. Amélia setubalense¹⁷. Inéditas ficaram três peças (*Júlia*, de 1894, representada no Teatro Bocage pelo grupo Rangel de Lima; *Últimos dias de Pompeia*, drama em quatro actos, e a comédia em dois actos *À Sorte*, todas de 1895) e uma colectânea de *Teatro Infantil*, de 1906.

Como memorialista, deixou-nos Junqueiro interessantíssimas lembranças em *Setúbal no meado do século XIX*, a que já aludimos. Na sequência deste escrito pôde o seu particular amigo Luís Silveira redigir umas “notas subsidiárias” intituladas *Setúbal na primeira metade do século XX* que, igualmente, se conservam inéditas. O conjunto dos dois trabalhos bem merece uma cuidada edição...

Na faceta de cientista social Junqueiro foi arqueógrafo e etnólogo sensível.

Em 1900, iniciou colaboração na conceituada revista *O Arqueólogo Português*, dirigida por Leite de Vasconcelos (1858-1941), de quem se tornara amigo e com quem certamente percorreu a região de

Setúbal, em visitas a lugares de interesse arqueológico. António Henriques¹⁸ – estimado amigo de Junqueiro após 1918, quando foi vereador, tendo a cargo a Biblioteca Pública – escreveu, a propósito: “As suas pesquisas arqueológicas nesta região valeram-lhe a estima do sábio professor Dr. José Leite de Vasconcelos, que o visitava sempre que vinha a Setúbal; percorrendo juntos, nas suas pesquisas, todos os locais de interesse arqueológico desta região sadina. Correspondiam-se amiudadamente, e o Dr. José Leite de Vasconcelos ofertava ao seu amigo Junqueiro, sempre, um exemplar de cada trabalho seu publicado. Igualmente recebia e apreciava os do seu amigo setubalense”¹⁹.

Com efeito, foi em Tróia²⁰, na Rotura²¹ e em Alferrara²² que realizou inúmeras e importantes investigações. Aquando da apresentação de apontamentos arqueológicos inéditos de Junqueiro, Victor dos Santos Gonçalves, outro ilustre arqueólogo nascido em Setúbal, hoje Professor da Universidade de Lisboa, escreveu que “no campo da Arqueologia foi Arronches Junqueiro um incansável buscador de um passado 'que procurava *in mente* reconstituir”²³.

16 - Arronches Junqueiro, *A Barcarola: drama em 4 actos*, Lisboa, Manuel Gomes Ed., 1897. Na BPMS guardam-se quatro exemplares desta obra de Junqueiro. Um dos exemplares (FLD A-246) foi pelo autor dedicado ao setubalense José António Januário da Silva (1847-1909) que foi também dramaturgo, e tem colada, a anteceder o volume, uma “nota do dia” d’*O Setubalense*, de 13/1/1938 noticiando a saída de Junqueiro do quadro de pessoal da CMS (onde era bibliotecário), por ter atingido os 70 anos, então limite de idade para a Função Pública.

17 - Augusto Xavier de Melo nasceu em Lisboa, a 13 de Julho de 1863. Estreou-se no teatro do Ginásio, em 1870, no elenco da comédia *As Informações*. Passou, depois, por inúmeros teatros. Foi, ainda, professor do Conservatório, ensaiador e autor literário. Morreu a 29 de Janeiro de 1933. (Sousa Bastos, *Dicionário do teatro português*, Lisboa, Minerva, 1994, (1.ª ed. 1908), p. 268 e *Grande Enciclopédia*...).

18 - António Joaquim Henriques nasceu em Azóia de Cima, concelho de Santarém, a 25 de Abril de 1886. Aos 7 anos era cabreiro e dez anos depois empregava-se como moleiro, em Pernes. Foi então que aprendeu a ler e a escrever o que lhe permitiu, ainda em Santarém, e já com 20 anos, ascender à profissão de empregado de escritório. Atraído por um seu tio, soldador da indústria conserveira, António Henriques chegou a Setúbal após 1911 ingressando, também ele, naquela profissão. Fizera-se, entretanto, republicano e orador fogoso. Na cidade do Rio Azul foi vereador e pertenceu ao Senado Municipal; foi o primeiro director do Orfanato Municipal, instituto para cuja fundação concorrera; fez parte da tertúlia poética denominada Arcádia da Fonte do Anjo, fundada por Cabral Adão (1910-1992) e participou no Grupo Excursionista Pedestre do Sado Litoral ‘Os Galos’. O seu nome anda ligado, ainda, à imprensa local. Assim, foi editor do semanário *A Trombeta*, que circulou entre 10 de Junho e 24 de Setembro de 1917, e colaborou n’*O Setubalense*, onde assinou a série “Cartas do Moinho dos Buracos”. Usou o pseudónimo de João Casaleiro. Deixou publicados os trabalhos: *Hino à Arrábida*, com prefácio de Arronches Junqueiro e *Musa dos Três Castelos*. Foi empregado da Biblioteca Pública local, tendo-se aposentado a 22 de Junho de 1956. Faleceu em Janeiro de 1975, deixando viúva Maria da Conceição Henriques.

19 - António Henriques, “Cartas do Moinho dos Buracos. Arronches Junqueiro”, III e IV, *O Setubalense*, 8 e 15 de Fevereiro de 1954.

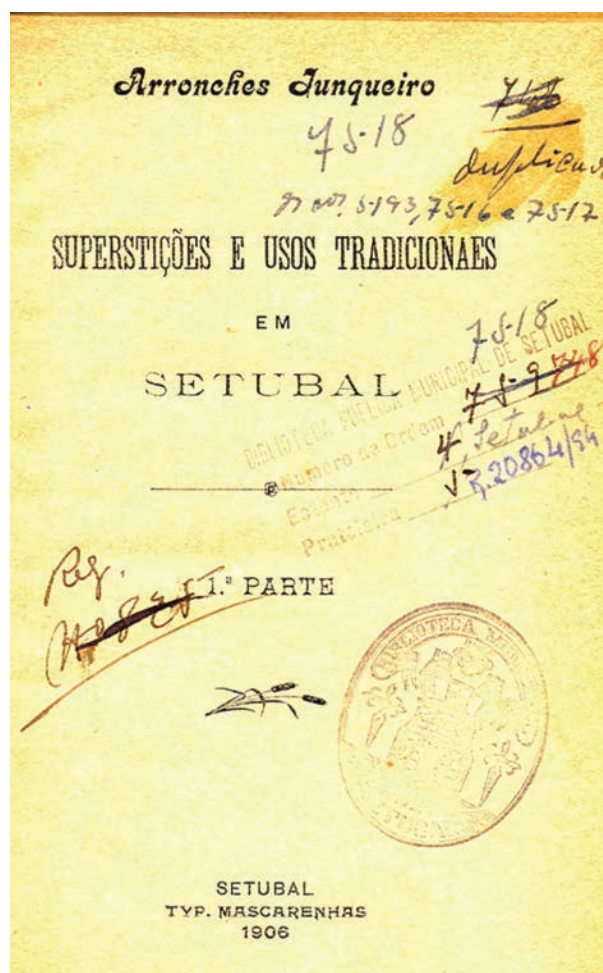
20 - “Estudos sobre Tróia de Setúbal”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, n.º 5, 1900 e n.º 7, 1902.

21 - Os resultados das pesquisas de Junqueiro, no castro da Rotura foram por ele registados em *Setúbal, o que tenho visto do seu passado, flora e fauna entomológica*, trabalho datado de 1930, que ficou manuscrito e que hoje não se encontra na BPMS, onde deveria estar (teve ali o registo 15 161). As recolhas de Junqueiro remontavam já, pelo menos, a 1903, quando A. I. Marques da Costa (1857-1933) se lhes referiu n’*O Arqueólogo Português*. (Victor dos Santos Gonçalves, *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1971, pp. 56-57). Os artefactos recolhidos por Junqueiro seriam por ele doados à Biblioteca Municipal, onde chegaram a estar expostos ao público. Depois, foram esquecidos no sótão municipal onde o Dr. José Marques da Costa os descobriu posteriormente. Os artefactos exumados da Rotura foram objecto de publicação nos finais dos anos 60 pelo arqueólogo setubalense Carlos Tavares da Silva (Carlos Tavares da Silva, “O Povoado pré-histórico da Rotura (Nova contribuição para o seu estudo)”, *Arquivo de Beja*, XXIII-XXIV, 1966-1967, pp. 164-172). Ainda em finais da década de 60 a colecção arqueológica a que nos referimos deu entrada no Museu da Cidade – Convento de Jesus, onde permanece (Carlos Tavares da Silva, “A Secção de Arqueologia do Museu de Setúbal”, *O Setubalense*, 28 de Fevereiro de 1968). Entretanto, perderam-se peças e elementos de identificação como relata Luzia Ruivo Seromenho que, recentemente, estudou esses materiais arqueológicos (Luzia Ruivo Seromenho, “Arronches Junqueiro, o poeta arqueólogo”, *Subsídios para o estudo da história local*, vol. 2, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal/Rede Portuguesa de Museus/Instituto Português de Museus/Ministério da Cultura, Novembro de 2006, pp. 17-70). O material osteológico da colecção Arronches Junqueiro foi também alvo de um estudo recente (Nathalie Antunes Ferreira, Francisco Assis Costa, José Luís Neto, “Material osteológico da colecção Arronches Junqueiro”, *Ibidem*, pp. 73-78).

22 - “Antiguidades dos arredores de Setúbal: povoação romana de Alferrara”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, n.º 7, 1902.

23 - Victor dos Santos Gonçalves, “Arronches Junqueiro e Tróia de Setúbal”, separata de *O Arquivo de Beja*, Vol. XXII, Beja, Minerva Comercial, 1965, p. 7. Victor Gonçalves publica depois o texto correspondente às páginas 45 a 64 de *Setúbal o que tenho visto do seu passado, flora, fauna entomológica*, trabalho inédito de Junqueiro concluído em 1939, um ano antes de falecer, e ao qual já nos referimos.

Logo depois acrescenta o mesmo autor: “compreender a Arqueologia de Arronches Junqueiro é, nesta época de reestruturação da nossa Ciência, compreender toda uma geração de arqueólogos-românticos que tiveram o extraordinário mérito de abrir as estradas que trilhamos hoje. A Tróia de Arronches Junqueiro não é a Tróia de Cenáculo, Vasconcelos, A. I. Marques da Costa ou de Manuel Heleno. Todos a viram com olhos diferentes”, mas todos a olharam “com mescla de erudição e lenda” até que A. I. Marques da Costa²⁴ introduziu “os primórdios de uma investigação cientificamente dirigida”²⁵.



24 - Nasceu em Pousos, próximo de Leiria, a 15 de Março de 1857. Desconhecemos quais as escolas que frequentou e qual tenha sido a sua formação académica. Sabemos que cursou Infantaria, que foi professor do curso de sargentos e que foi director regimental. Foi como militar, aliás, que chegou a Setúbal, muito novo ainda. Em 1917 foi nomeado comandante interino do Regimento de Infantaria de Reserva n.º 11. Atingiu o limite de idade, em 1927. A. I. Marques da Costa foi professor de Matemática na Escola Popular – estabelecimento setubalense de ensino que J. M. Cardeal Rocha (1855-1879) abriu em 1873. Em 1896 a Escola passou para as mãos de A. I. Marques da Costa e do reverendo capelão daquele regimento. Mais tarde, foi também professor no Liceu Bocage que fora mandado construir, em 1905, por uma Câmara presidida por António José Baptista (1854-1912), também ele nascido no Distrito de Leiria (Alvaiázere). Em 1896 aquele pioneiro arqueólogo dava conhecimento dos resultados que obtivera escavando o subsolo da região de Setúbal. De facto, na conceituada revista *O Arqueólogo Português* publicou, então, “Antiguidades dos arredores de Setúbal: povoação romana de Alferrara”. Não mais abandonou os estudos arqueológicos, divulgando sempre os resultados obtidos. Ainda assim, deixou inéditos alguns textos, em parte publicados pelo arqueólogo setubalense Carlos Tavares da Silva. Também o monumento geológico da Pedra Furada foi por ele investigado e estudado. Marques da Costa foi casado com Emília Maria de Sousa Pavia e, em segundas núpcias, com Edviges da Costa Guerreiro. Da primeira união houve dois filhos: António José Marques da Costa e Virgílio Pavia Marques da Costa. Faleceu a 29 de Agosto de 1933, em Setúbal, na Freguesia de São João, no 3.º andar do n.º 21 da Rua do Diário O Setubalense. Em 2007, por iniciativa da Câmara Municipal de Setúbal e do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, celebrou-se na cidade a passagem do 150.º aniversário de nascimento deste eminente arqueólogo. Do vasto programa comemorativo, desenvolvido ao longo do ano, destaca-se o descerramento de uma placa comemorativa na fachada do edifício onde Marques da Costa residiu e faleceu, evocativa do 150.º aniversário do seu nascimento; a atribuição ao arqueólogo, a título póstumo, da medalha de honra da cidade – classe cultura; a realização do II Encontro de Arqueologia da Arrábida, especialmente dedicado à memória daquele pioneiro da Arqueologia portuguesa.

26 - Revista mensal de etnografia portuguesa, publicada em Serpa, ainda que impressa em Lisboa, entre 1899 e 1904. Foi dirigida por Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

28 - Arronches Junqueiro, *Superstições e usos tradicionais em Setúbal. 1.ª Parte*, Setúbal, Tipografia Mascarenhas, 1906. Na BPMS guardam-se três exemplares deste trabalho (FLDA- 122, 123 e 264).

“Muitos foram por mim colhidos na tradição oral, ouvindo-os recitar por velhinhas cujos olhos cansados se humedeciam de saudades... São versos ingênuos. São cenas de uma infantilidade que bem traduz a índole doce e boa do nosso povo. São pedaços da alma popular, na parte do que ela tem de mais santo, de mais amorável, de mais sentido”³⁰.

Continuando a revelar os seus propósitos, escreveu: “...outro cuidado me prende, outro objectivo me anima, o de não deixar apagar no coração dos homens o amor pelo que foi, o apego pelo que constitui a parte moral do seu ser, a força de coesão que nos une constituindo uma pátria: a tradição”.

Magoado, continua Junqueiro: “Os autos, os velhos presépios vão sendo substituídos pela exótica árvore do Natal.

“Compreende-se que um povo esqueça, ou tente esquecer as suas tradições, a parte sentimental da sua psicologia, por supor que esse sentimento absorva as suas faculdades viris, e comprometa a marcha da sua intelectualidade, enervando-a com sonhos que se tornaram incompatíveis com a sua nova orientação. Compreende-se e admite-se.

“O que se não pode compreender, o que se não deve admitir, é o absurdo inclassificável de substituir aquilo que é insubstituível: a tradição”³¹.

Arronches Junqueiro foi, ainda, um eminente naturalista, revelando competências nos domínios da geologia, da botânica, da zoologia e da entomologia.

Como geólogo constituiu, na sua amada Quinta da Laje, “uma interessante colecção geológica”

que, em 1908, ofereceria à Escola Liberal de Setúbal³², ao mesmo tempo que pronunciava, ali, uma conferência acerca das ciências naturais³³. Que terá sido feito desta colecção?

No herbário por ele organizado, figuravam “oitenta centenas de espécimes devidamente guardadas e classificadas”, segundo o já citado Cabral Adão pôde ainda testemunhar em 1954, ao visitar a Quinta da Laje³⁴.

Como zoólogo e entomólogo distinto, Junqueiro criou o primeiro Museu de História Natural que a cidade do Sado conheceu. Tentou oferecer tão importantes colecções ao Liceu da sua terra, em 1905. Por razões que a economia deste artigo não permitem aflorar, a iniciativa gorou-se. Em 1921, por fim, as peças de zoologia e de entomologia foram entregues ao Liceu Bocage, de Setúbal, nesse ano elevado à categoria de Liceu Central. Aquando das Festas Bocagianas³⁵, a oferta foi formalizada, a 18 de Setembro, numa sessão solene de homenagem a Joaquim Brandão (o deputado que conseguira a promoção do liceu setubalense). A reunião foi presidida, a convite do Reitor – o professor Cipriano Mendes Dórdio³⁶ – pelo homenageado. A secretariá-lo estiveram o mesmo Dr. Dórdio e Santos Neves, presidente do Senado. Por último, falou “o Sr. Arronches Junqueiro, religiosamente escutado pela selecta assistência, terminando por oferecer ao Liceu Bocage o seu valiosíssimo museu, gesto que comoveu todos os presentes e lhe valeu uma quente demonstração de apreço”³⁷. *O Setubalense* comentou que “todos os jornais da capital têm notado com o

30 - A. C. Arronches Junqueiro, *Autos de Natal...*, Setúbal, 1920, p. VI (BPMS: FLDA-45).

31 - Idem, *Ibidem*, pp. VI-VII.

32 - A Escola Liberal abriu a 30 de Julho 1901, por iniciativa de uma Liga Liberal, na época fundada, com a elevada missão de regenerar a sociedade, educando e instruindo. A inauguração solene das instalações, à Rua Antão Girão, teve lugar com a participação da Sociedade Musical Capricho e com a presença do médico Miguel Bombarda (1851-1910), que presidiu à cerimónia. O fundador da psiquiatria portuguesa, no discurso que pronunciou, aludiu à “necessidade de combater a reacção por meio da escola” (*O Elmano*, 31-7-1901). No mesmo sentido se pronunciaram outros oradores presentes como o Dr. José de Castro e o republicano setubalense Paulino de Oliveira (1864-1914). Assistiram “vários cavalheiros de Lisboa, pertencentes à Junta Liberal” (*O Distrito*, 28-7 e 4-8-1901). *O Elmano*, de 20 de Maio de 1903 reporta a mudança de sede, que passou para a Rua de Santo António – que os republicanos rebaptizariam como Rua Major Afonso Pala. No ano seguinte frustrou-se a tentativa de fusão do estabelecimento com o Centro de Instrução Germinal criado em 1904 e instalado no antigo Hotel Esperança, na Travessa do Postigo da Pedra, por iniciativa do periódico *Germinal*, semanário de tendência anarco-sindicalista, publicado em Setúbal entre 4 de Outubro de 1903 e 23 de Dezembro de 1911. Em princípios de 1929 aquela Escola era lembrada como “a mais antiga instituição republicana de Setúbal”, como “o último baluarte da democracia que Setúbal tinha”. Apelava-se, nesse momento, à inscrição de novos sócios contribuintes para que pudesse manter-se (Rogério Claro, *Um século de ensino técnico profissional em Setúbal. História da Escola Secundária Sebastião da Gama*, Setúbal, CMS, 2000, pp. 34 e 374, nota 62).

33 - *O Elmano*, 22 de Janeiro de 1908.

34 - Cabral Adão, “O Direito de viver”, *O Distrito de Setúbal*, 24 de Março de 1954.

35 - Sobre o que foram estas Festas veja-se: Carlos Mouro, *A construção da memória social bocagiana. As comemorações em Setúbal (1864-2005)*, Setúbal, trabalho inédito, 2006.

36 - Médico militar. Director do Sanatório Marítimo do Outão e professor do Liceu de Setúbal, do qual foi reitor entre 7 de Outubro de 1919 e 26 de Fevereiro de 1926. A este médico dedicou Junqueiro um poema a que já fizemos referência em nota anterior.

37 - *O Setubalense*, 19 de Setembro de 1921.

merecido elogio o gesto do Sr. Arronches Junqueiro, cedendo ao Liceu Bocage a sua magnífica colecção de exemplares de História Natural”³⁸. Ao fazer suas as linhas do congénere lisboeta, *O Setubalense* queria prestar “também justa homenagem ao velho republicano (...) Arronches Junqueiro”³⁹.

A amplitude dos seus interesses científicos farão de Junqueiro um colaborador do clínico Fernando Garcia⁴⁰, nomeadamente em pesquisas que permitiram identificar o agente bacteriológico das febres de Setúbal o que foi tema para dois artigos publicados por aquele médico nos números 267 a 268⁴¹ e 298 a 300⁴² da revista *Medicina Moderna*, nos anos de 1916 e 1919, respectivamente. Junqueiro revelava-se, assim, um exímio bacteriologista que contou, no laboratório, com a ajuda do químico António Cunha⁴³, ilustre discípulo de Charles Lepierre (1867-1945)⁴⁴. O exemplar da separata daquele segundo artigo, que se guarda na Biblioteca Pública setubalense, tem a dedicatória: “Ao meu amigo Luís Silveira oferece um dos colaboradores deste estudo. Arronches Junqueiro. 26-5-1919”. No corpo do trabalho, escreveu Fernando Garcia: “Bacteriologia – dois trabalhadores infatigáveis, os Srs. Arronches Junqueiro naturalista e coleccionador da região setubalense, e António Cunha antigo aluno da escola *Brotero* e discípulo do Prof. Lepierre, quizeram tomar à sua conta o realizar, sob a minha

direcção, para a parte médica, uma série de trabalhos microscópicos e bacteriológicos no sentido de descobrir o *spirocheta* ictero-hemorrágico que se julgava então ser a causa da epidemia reinante na cidade”. No parágrafo seguinte, continua aquele médico: “Com um absoluto desinteresse e uma provada dedicação deitaram mãos à obra, adquirindo o microscópio com grande poder ampliador, estufas, acessórios, etc., e perdendo as noites à roda das estufas, que, nestes tempos de falta de gás, só podiam regular-se à mão”. Por fim, concluiu a referência aos eminentes colaboradores: “O que eu venho apresentar é o resultado dos seus trabalhos...”. Vem, depois, uma descrição técnica que não cabe aqui desenvolver à qual se “segue a nota cujos números intercalares se referem a algumas das duzentas e tantas preparações, que, devidamente catalogadas, se acham conservadas e franqueadas à observação dos médicos ou bacteriologistas que queiram visitar o laboratório”. O capítulo do mesmo estudo intitulado “Caracteres morfológicos do bacilo” tem, a atestar mais uma vez a imprescindível colaboração de A. Junqueiro e de A. Cunha, a seguinte nota: “Esta parte foi redigida pelos meus dedicados colaboradores Srs. Arronches Junqueiro (naturalista), e António Cunha (químico)”⁴⁵.

O nosso biografado foi, ainda, astrónomo amador e artista plástico de merecimento.

38 - *O Setubalense*, 21 de Setembro de 1921.

39 - *O Setubalense*, 21 de Setembro de 1921, citando o *Diário de Notícias*, desse dia.

40 - Domingos Fernando Garcia Peres nasceu na Vidigueira, em 1872. Era filho de Francisco Garcia Esteves e de D. Helena Garcia Peres, filha do médico Domingos Garcia Peres (1812-1902). Foi médico distinto, formado pela Escola Médica do Porto. Após a formatura veio para Setúbal e aqui exerceu medicina por largos anos. Foi, ainda, atraído pela literatura, pelo jornalismo, pela política e pela arquitectura. Literariamente usava o pseudónimo de “João Semana”. Monárquico militante, alinhou com os integralistas locais. Fazia parte da Liga de Defesa e Propaganda de Setúbal, tendo sido redactor do semanário *A Propaganda* – órgão daquela Liga que circulou entre 13 de Janeiro de 1916 e 24 de Janeiro de 1918. Publicou: *As doenças de Setúbal; Ensaios e críticas*, três volumes; *Sidónio Pais*, opúsculo; *Fisiologia de Setúbal*; *O Morgado Figueiroa*, romance onde alude a figuras e costumes do concelho da Vidigueira. (Sobre ele ver: J. T. de Montalvão Machado, *Vultos médicos de Setúbal*, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 1961; H. de Jesus, *Op. cit.*, *passim*; Manuel Envia, *Coisas de Setúbal*, Setúbal, ed. do autor, 2.ª ed., 1947; Rogério Claro, *Um século de ensino técnico profissional em Setúbal. História da Escola Secundária Sebastião da Gama*, Setúbal, CMS, 2000).

41 - Fernando Garcia, “As doenças de Setúbal. 1911-1914”, separata dos n.ºs 267 e 268 de *A Medicina Moderna*, Porto, Tipografia a vapor da Empresa Guedes, 1916.

42 - Fernando Garcia, “As doenças de Setúbal. 1918”, separata dos n.ºs 298 e 300 de *A Medicina Moderna*, Porto, Tipografia a vapor da Empresa Guedes, 1919.

43 - António Januário Carreira da Cunha, filho de Alfredo Martiniano Carreira da Cunha e de Bárbara Joaquina Valente Cunha, nascido a 19 de Setembro de 1882, na freguesia de São Julião, e baptizado a 1 de Outubro do mesmo ano, sendo padrinhos Manuel Maria Valente (tio materno) e Isabel Joaquina Silveira Valente (tia materna). Casou com Sara Aldegundes Faria Picão, filha do militar Francisco José Faria Picão e de Maria Cecília Fonseca Picão. António da Cunha era formado em Farmácia pela Universidade de Coimbra e tinha o Curso de Química Industrial na Escola Brotero, também de Coimbra. De 1907 até 1940 (ano da sua morte, a 30 de Março, em Lisboa) foi proprietário, em Setúbal, da Farmácia Cunha – anteriormente Farmácia Malheiros, propriedade de António José Malheiros, fundada em finais de 1903 e aberta ao público a 4 de Fevereiro do ano seguinte. É a actual Farmácia Lisboa, denominação que usa desde 1957. Segundo *O Elmano*, de 31 de Dezembro de 1910, este farmacêutico e químico fora eleito presidente da Comissão Revisora de Contas do Centro Republicano de Setúbal. Era tio-avô do nosso amigo António Cunha Bento a quem agradecemos, entre outras provas de amizade, os elementos biográficos contidos nesta nota.

44 - Cabral Adão, “O Direito de viver”, *O Distrito de Setúbal*, 24 de Março de 1954 e, mais recentemente, Luzia Ruivo Seromenho, *Op. cit.*, p. 20, nota 7.

45 - Fernando Garcia, “As doenças de Setúbal. 1918”, separata dos n.ºs 298 e 300 de *A Medicina Moderna*, Porto, Tipografia a vapor da Empresa Guedes, 1919.

Na edição de 10 de Maio de 1923, o periódico *A Folha de Setúbal* deu conhecimento de ter Junqueiro concluído “no recanto modesto do seu laboratório, um esplêndido trabalho em alto-relevo, modelado em plasticina”. Ainda segundo a mesma folha era o mesmo “executado com precisão de escalas”, media 30×50 centímetros e representava “nos seus mais pequenos detalhes, a Cordilheira dos Apeninos lunares, em todas as sinuosidades, crateras e picos que caracterizam essa interessante região”. Após descrever a cordilheira que Junqueiro reproduzira em maquete, *A Folha* conclui: “A Arronches Junqueiro, cujo talento e valor não podem ser atingidos pela crítica dos Zoilos baratos deste meio, os protestos da nossa grande admiração e os nossos melhores agradecimentos, pela deferência amiga do exemplar com que nos brindou”⁴⁶.

Da sua actividade como artista plástico conhece-se um presépio que modelou e que hoje, por oferta de Maria Igreja Carvalho Costa e Mário Alberto Costa, está patente no MAEDS, em imponente vitrina. A este presépio se referiu António Henriques, em 1954, como sendo “certamente o mais artístico que Setúbal possui, digno de reverente visita”⁴⁷.

Por fim, resta-nos apresentar Arronches Junqueiro como político.

Seguindo as pisadas do pai, Junqueiro foi republicano. Foi-o num tempo em que a República se afigurava a tantos espíritos desiludidos como a universal panaceia para todos os males e afrontas de que Portugal ia padecendo. Precisamente a 5 de Outubro de 1910, apresentado como “industrial”, integrou a primeira Comissão Administrativa republicana do município setubalense. Tomou o “pelouro” da “instrução e jardins”⁴⁸. Conheceu então, como ele próprio confessa no já citado *Setúbal no meado do século XIX*, o primeiro dissabor em relação ao jovem regime, cujo ideário defendera, talvez de forma ingénua: “Lembro-me bem. A minha primeira desilusão política foi na própria tarde de cinco de Outubro, quando eu e os meus companheiros subíamos por sobre os escombros dos Paços do

Concelho, para da varanda serem aclamados os novos vereadores e autoridade administrativa”⁴⁹. Numa carta dirigida ao seu particular amigo Luís Silveira, datada de 27 de Junho de 1939 (é a Carta 6 que a seguir publicamos), Junqueiro expressaria, uma vez mais, esta sua amargura ao comentar as notas que o amigo soubera apor ao manuscrito *Setúbal nos meados do século XIX*: “A sua nota sobre Brancanes, põe em relevo uma das mais tristes manifestações da vida setubalense, ou antes, uma das mais dolorosas feridas que mãos criminosas vibraram no coração carinhoso e bom desta terra de homens do mar, rudes, mas nobres, violentos, mas humanos!”. Junqueiro continua o comentário à prosa do amigo, acrescentando: “A sua descrição é sugestiva. Vemos toda aquela orgia macabra, cujo vómito enodou ao nascer a República que sonháramos! Por desgraça nossa, essa *mancha de lama* faz parte da história de Setúbal; e, o que é pior, imprimiu-lhe, quem sabe se para sempre, *a má vontade*, *a antipatia* de que vem sendo vítima há tantos e tantos anos... como você diz, e muito bem, no final da referida nota”. Voltemos, porém, ao momento da implantação da República. Arronches Junqueiro, dado como industrial, integrou a primeira Comissão Administrativa Municipal, como vimos. Contudo, a 18 de Julho de 1911 o seu nome não fará já parte da Comissão definitiva nesse dia nomeada por despacho do Governo Civil de Lisboa⁵⁰. Fora, entretanto, designado para ocupar o lugar de Administrador do Concelho. Continuando sempre a enviar colaboração poética para os periódicos da terra, manteve-se no lugar até aos inícios de 1913. Aquando da sua saída escreveu-se na *Folha de Setúbal*: “Em consequência da mudança da situação política, deixou de exercer as funções de administrador deste concelho, o antigo e dedicado republicano, ilustre setubalense e nosso querido amigo, Sr. Arronches Junqueiro”. Permanecera no lugar por dezanove meses durante os quais “com uma inteligência, uma imparcialidade e uma energia, bem raras nos tempos que atravessamos, (...) foi bem o guarda vigilante e solícito

46 - *A Folha de Setúbal*, 10 de Maio de 1923. Mais recentemente este trabalho de Junqueiro foi referido por João Francisco Envía (*Setubalenses de mérito*, p.70).

47 - António Henriques, “Cartas do Moinho dos Buracos. Arronches Junqueiro, I”, *O Setubalense*, 25 de Janeiro de 1954.

48 - Câmara Municipal de Setúbal, *Relatório das gerências de Outubro de 1910 a Dezembro de 1912*, Tipografia Santos, 1912, pp. 27-28.

49 - Arronches Junqueiro, *Setúbal no meado ...*, pp. 81-82.

50 - Setúbal pertenceria ao distrito de Lisboa até à publicação do decreto n.º 12 870, de 22 de Dezembro de 1926, que criou um novo distrito com capital nesta cidade.

das garantias e direitos de todos os cidadãos, mantendo íntegros o respeito pela lei e o prestígio da autoridade, sem alardes, mas sem hesitações”. Mostrara “praticamente o que deve ser a justiça republicana: rigorosa, imparcial, inflexível”⁵¹.

Foi por certo a actividade política que o levou, a 22 de Março de 1914, a assumir a direcção do periódico *A Folha de Setúbal*. A segunda série deste título surgira dois anos antes, a 1 de Março, dirigida politicamente pelo sesimbrense Joaquim Brandão (1876-1927)⁵². Este conhecido solicitador, republicano convicto, manteve-se no posto até à publicação do n.º 91, saído dos prelos a 15 de Janeiro de 1914. Com a entrada de Junqueiro (n.º 92) verificaram-se algumas mudanças. Desde logo houve uma alteração no subtítulo do periódico: onde até então se lia “Semanário republicano” passou a ler-se uma bem mais precisa indicação – “semanário republicano evolucionista”⁵³. Por outro lado, o nome de Gregório Camacho, que até então ocupava o lugar de administrador, deixou de figurar no cabeçalho do periódico, sendo o cargo entregue a Fernando Aval que ocupava já o lugar de editor⁵⁴. Com a entrada de Arronches Junqueiro, *A Folha de Setúbal* voltou a ser impressa na Tipografia Santos, à Av. Todi, 368-A⁵⁵ e a surgir apregoada pelos ardinias aos domingos⁵⁶. O hebdomadário foi sempre propriedade do Grupo Solidariedade Republicana. O último número que conhecemos na hemeroteca da Biblioteca Pública Municipal de Setúbal (n.º 157) tem a data de 5 de Setembro de 1915⁵⁷.

Republicano por utopia e desiludido da República logo após a instauração do regime, Junqueiro aproximar-se-ia do ideário defendido pela ditadura e, depois, pelo Estado Novo, espelhando nesta evolução, aliás, a evolução de outros partidários do próprio regime, ele mesmo internamente diverso e contraditório, que não tardaria em revelar as fracturas que comportava no seu seio. Assim se compreendem as palavras que encontramos estampadas no semanário local *A Indústria*, em 1940, por ocasião da morte de Arronches Junqueiro: “Poucos eram os amigos que tinham ultimamente a felicidade do seu agradável convívio; raramente vinha ao povoado mas era então certo, quebrado o hábito do *Esperança* de tantas recordações para a geração de que ele era o último representante, encontrá-lo a uma mesa da *Casa das Águas*, onde era possível escutar a sua conversa sempre viva e encantadora, esmaltada de conceitos admiráveis, recheada de ensinamentos, vibrante de entusiasmos e de fé quando discorria acerca da transformação de Portugal nos últimos catorze anos, da ordem nova que reorganizou a vida nacional e deu ao país, com nova consciência dos seus destinos, um prestígio que é dever de todos os patriotas contemplarem com desvanecimento”⁵⁸. Assim se compreende também que este “republicano dos chamados históricos”, como o apelida o hebdomadário que vimos citando, tenha como uma das derradeiras produções poéticas o Hino da Legião Portuguesa⁵⁹...

Falta, por fim, uma referência à actividade de Junqueiro como bibliotecário municipal. Foi designa-

51 - *A Folha de Setúbal*, 1 de Fevereiro de 1913. Logo a 8 do mesmo mês, outro periódico então publicado na cidade – *O Elmano* – fez-se eco deste “excelente artigo”.

52 - Entre 15 de Outubro de 1899 e 20 de Janeiro de 1901 publicara-se, com este título, um “semanário noticioso, político e literário” editado por Carlos Alves e redigido por Luciano Evaristo de Carvalho (1871-1916) e pelo referido Joaquim Brandão. Advogando os mesmos princípios republicanos sucedeu-lhe *O Sul*, que circulou entre 23 de Junho de 1901 e 20 de Dezembro de 1902, redigido por Paulino de Oliveira, Luciano de Carvalho e Joaquim Brandão. (Fran Paxeco, *Setúbal e as suas celebrações*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1930, p. 350; F. Henriques de Jesus, *Subsídios para a história do jornalismo setubalense*, Setúbal, 1955, p. 14).

53 - Recorde-se que nos inícios de 1912 tivera lugar a primeira grande cisão no seio do Partido Democrático como, após o Congresso realizado em Lisboa, entre 27 e 30 de Outubro, se designava o velho Partido Republicano Português, fundado em 1876. Assim, a 24 de Fevereiro de 1912 criara-se o Partido Evolucionista, organizado em torno de António José de Almeida (1866-1929) e a 27 de Março do mesmo ano surgira o Partido Unionista, que tinha Brito Camacho (1862-1919) como elemento aglutinador.

54 - Fernando Aval abandonaria ambos os lugares a 20 de Dezembro de 1914, com a publicação do n.º 127. Foi substituído por Armando Maia.

55 - Entre 4 de Setembro de 1913 (n.º 75) e 15 de Janeiro de 1914 (n.º 91) imprimira-se na Tipografia Mascarenhas, no Largo Dr. Francisco Soveral, antiga Praça da Ribeira Velha.

56 - Primeiro publicara-se aos sábados e, depois, após 4 de Setembro de 1913, passou a surgir às quintas-feiras.

57 - É também esta a data que Fran Paxeco aponta para o final da publicação do aludido periódico. (*Op. cit.*, p. 350). Assim, está errada a indicação de Henriques de Jesus, segundo quem *A Folha* teria terminado com a publicação do n.º 49, a 1 de Março de 1913 (H. de Jesus, *Op. cit.*, p. 20).

58 - *A Indústria*, 5 de Outubro de 1940. O Café Esperança, mais conhecido na época por Café Lápido ou, simplesmente, Lápido – do nome do seu fundador José Maria Lápido (?-1901), abriu as portas a 29 de Agosto de 1858. Quase contígua, a nascente, seria inaugurada em 1912, por Justo Rodrigues Prieto, a Casa das Águas. Já não existem estes dois estabelecimentos setubalenses. O primeiro deu lugar a um café e hotel moderno que manteve o primitivo título, Esperança, cujo espaço de café, no piso térreo, está ocupado por uma conhecida loja de ‘fast-food’. O segundo foi demolido erguendo-se, no terreno que ocupara, uma agência bancária (CGD).

59 - *Poesias, sonetos, a-propósitos dispersos de Arronches Junqueiro*, posse Luís Silveira, 1.º volume. (BPMS: FLDA-144).

do para o lugar, interinamente, ainda em 1913, uma vez liberto das funções a que fora chamado na Administração do Concelho. Em Novembro de 1916, por fim, seria definitivamente nomeado bibliotecário municipal. Sucedeu no cargo a seu cunhado, Luciano Evaristo de Carvalho (1871-1916) “setubalense culto e laborioso bibliógrafo” cujos trabalhos continuou⁶⁰. Este último, por seu turno, sucedera ao pai, José Luciano de Carvalho (1838-1897), sogro de Arronches Junqueiro. Já neste breve texto nos referimos àqueles dois ilustres setubalenses. Abandonou o lugar, aposentado por limite de idade, aos 70 anos, no dia 13 de Janeiro de 1938, por entre as saudações dos colegas e da vereação⁶¹. Na ocasião escreveu-se a propósito da actividade de Junqueiro que terminava, então, um notável desempenho: “conseguiu reorganizar a Biblioteca, fazendo a aquisição de boas e úteis obras literárias e históricas, tendo, sobretudo, a particular preocupação de conseguir interessar a boa leitura aos menores, filhos dos operários setubalenses, desviando-os, consequentemente, dos maus lugares”⁶².

A 15 de Setembro de 1940, Setúbal estava engalanada, uma vez mais, em honra de Nossa Senhora do Cais. A edição desse ano das já costumadas celebrações foi reportada por Alberto Fialho no periódico *O Setubalense*⁶³. Nesse ano, para assistir aos tradicionais festejos, saíra da Quinta da Laje de Cima, e rumara à cidade, o venerando setubalense Arronches Junqueiro, homem de 72 anos, que apenas extraordinários acontecimentos arrancavam àquele retiro onde, há boas seis décadas, levava uma vida eremítica dedicada ao estudo dos valores naturais e culturais da região. Ainda na tarde desse dia, mal terminada a função que à cidade o trouxera, Junqueiro regressou, célere, à tão amada residência campestre. Três dias volvidos, porém, o respeitado ancião caiu doente e tornou a Setúbal, à residência

que possuía no n.º 14 da Rua Dr. Paula Borba. Ali viria a expirar, em coma urémico, pelas 8 horas do dia 28 de Setembro de 1940. Desaparecia um dos mais cultos setubalenses da sua geração – António Casimiro Arronches Junqueiro.

As cartas que nesta ocasião publicamos foram dirigidas a Luís Silveira, a quem já bastas vezes nos referimos. São documentos com origem temporal muito diversa e revelam mais do homem de letras, do poeta sensível e do prosador seguro do que do arqueólogo, do naturalista, do etnólogo ou do político que foi Arronches Junqueiro. Chamaremos apenas a atenção para alguns aspectos patenteados por essas missivas.

A primeira – um cartão de visita com uma declaração de amizade – data de 22 de Junho de 1919 e apenas o incluímos para que fique bem claro o profundo sentimento que unia os dois homens.

Na segunda, Junqueiro exprime-se em quadras endereçadas ao amigo em lembrança de uma festa a que haviam assistido.

As restantes dez epístolas constituem, a nosso ver, um conjunto bem mais homogéneo. Todas elas foram escritas em bom papel de carta, de folha dupla, pautado, timbrado (excepto a 10.^a) com uma perspectiva fotográfica da Quinta da Laje, recortada em oval, tendo por baixo a legenda: “Quinta da Laje Setúbal”. A carta por nós considerada como a número 3 é a única não datada. As outras, porém, sabemos que foram escritas entre 23 de Maio de 1939 e 12 do mesmo mês do ano seguinte, quando Junqueiro tinha já próxima a Parca que lhe cortaria a existência, meses depois, a 28 de Setembro de 1940.

A escrita de muitas dessas singelas linhas foi ditada pela necessidade de Junqueiro endereçar agradecimento ao seu fiel amigo Silveira. É o próprio “eremita da Laje” (como o remetente gostava de se apelidar) que nota o facto numa carta datada de 18 de

60 - A Biblioteca Pública Municipal, dirigida por Luciano Evaristo de Carvalho (1871-1916), foi ponto de reunião e tertúlia de toda uma geração de intelectuais setubalenses de finais de oitocentos na qual se incluíam, para lá do próprio bibliotecário: Arronches Junqueiro (1868-1940), Manuel Fran Paxeco (1874-1952), Manuel José de Padilha (1871-1922), Manuel Augusto da Luz (1870-1912), Leonardo Duarte Júnior (1859-1915) e outros. Em *Setúbal e as suas celebrações* Fran Paxeco recordou esses tempos: “Frequentámos, ambos, o [João José] Pinto e nós, a Biblioteca Municipal, escondida numa sobreloja dos Paços do Concelho. Se entrávamos os dois, o tempo esvaía-se no cavaco, a três. Se nos conduzia lá, sozinho, qualquer desejo de leitura, não distraíamos o Luciano dos seus afazeres”. (F. Paxeco, *Op. cit.*, p. 304). Do mesmo modo, A. Junqueiro referiu-se a estas espontâneas reuniões, numa quadra composta na Quinta da Laje e datada de Outubro de 93 ou 94, dirigidas a seu cunhado, o bibliotecário. Guardam-se, manuscritas, na BPMS. Têm o título genérico de “Cartas ao Luciano” e delas respigamos as seguintes estrofes: “Dá-me notícia de tudo. / Dize-me tudo, com a breca! / Como está e como passa/a Biblioteca? // Nos serões da Biblioteca / reina ainda a cavaqueira? / Ouve ainda poesias / o Zé Pereira?”. (*Poesias, sonetos, a-propósitos dispersos de Arronches Junqueiro*, posse Luís Silveira, 2.º volume, BPMS: FLDA-145).

61 - *A Indústria*, 21 de Janeiro de 1938.

62 - *O Setubalense*, 13 de Janeiro de 1938.

63 - Alberto Fialho, “Gente do mar. Nossa Senhora do Cais”, *O Setubalense*, 16 de Setembro de 1940.

Agosto de 1939: “Meu caro Silveira. Constató que, sempre que tenho de dirigir-me a si, é o agradecimento o tema primordial do meu discurso, escrito ou falado”. Efectivamente retemos o agradecimento pelo envio de um livro de José Albino (Carta n.º 3, sem data), de umas “esplêndidas queijadas” (Carta n.º 5, de 20-6-1939), de uns bolos (Carta n.º 8, de 18-8-1939), de uns “deliciosos” coscorões (Carta n.º 10, de 3-2-1940), ou de um “queijo, grande como uma roda de carro etrusco e tentador (...) como o pecado” (Carta n.º 11, de 5-5-1940). Por uma vez, porém, uma missiva foi remetida da Quinta da Laje a acompanhar um pequeno mimo para o velho amigo. Escreveu Junqueiro: “Meu caro Silveira. Junto deverá receber umas romãs, para a sua sobremesa” (Carta 9, de 16-10-1939).

Outros aspectos são de destacar no conjunto destas cartas.

Na carta 5 (de 20-6-1939) Junqueiro refere-se ao livro “do Pimentel” que “encomendara” a Silveira. O livro em causa não é, por certo, a *Memória sobre a história e administração do município de Setúbal* que Alberto Pimentel (1849-1925) publicara em 1877⁶⁴. Estamos em crer que se trata, isso sim, das ainda inéditas *Anotações ao livro 'Memória sobre a história e administração do município de Setúbal' (subsídios para a história de Setúbal)*, e concluídas por Luís Silveira em 1942.

Na missiva seguinte, (de 27-6), o velho Junqueiro não esconde a vaidade que sentia por ter escrito *Setúbal no meado do século XIX*, trabalho que não dissocia daquele que tivera o seu amigo ao escrever as *Notas* a que já aludimos: “Apesar de saber que *o elogio em boca própria é vitupério*, não me posso furtar a essa vaidade, no que respeita ao meu livro sobre Setúbal na segunda metade do século XIX.

“Se o não tivesse escrito, o meu amigo não perpetuaria cenas, factos e personagens, que serão no futuro de incalculável valor para quem se disponha a fazer o estudo detalhado, histórico desta terra.

“O nosso trabalho, não poderia ser realizado pelos novos. Os velhos, capazes de o fazerem, sumiram-se de há muito na morte. Somos por isso os últimos *Abencerragens* de uma geração que passou.

Eis o motivo por que me aplaudo por ter escrito aquelas notas, embora muito pessoais, porque elas foram a causa do seu aditamento, muito menos pessoal, mas muito mais interessante sob o ponto de vista histórico”.

Nesses breves textos dirigidos ao amigo vislumbra-se o etnógrafo que Junqueiro foi pelas referências aos provérbios. Encontramos a primeira alusão aos populares adágios na carta antes mencionada. O segundo provérbio é citado a propósito da já referida oferta de umas romãs para a mesa do amigo. Os frutos não estavam ao inteiro gosto do fruticultor da Laje, que comentou: “Deus castiga a vaidade, é certo. Afirmava eu que ninguém possuía romãs iguais às minhas... Parece que lhes dei mau-olhado! Venham cá dizer-me que “*o olho do dono faz crescer a seara*”. Fará! Mas não conserva a superioridade das romãs”. O gosto pelo estudo dos costumes tradicionais revela-se, uma vez mais, na ocasião de agradecer a Silveira uns “coscorões” que este lhe enviara. Nessa carta, datada de 3 de Fevereiro de 1940, escreveu, a dado passo: “vamos a outro assunto embora mais frívolo, mas evidentemente mais alegre: a distinção entre *coscorões* e *filhoses*. Estas são conhecidas vulgarmente como bolos fritos (almôndegas, fartos, sonhos) e aquelas designam frituras de massa estendida, polvilhada com farinha de açúcar e canela, ou calda de açúcar, ou mel. Qualquer das formas é boa, mas o que as torna superiores é o significado. Coscorões quer dizer Carnaval...”.

Do longínquo retiro da Laje, Junqueiro evoca, ainda, entre nostálgico e amargurado, a sua moradia da Rua dos Ourives e revela-nos, na Carta 9 (de 16-10-1939) pormenores sobre o seu gosto musical; refere-se à Casa das Águas – conhecido estabelecimento da Setúbal de finais de oitocentos e de inícios da centúria seguinte, hoje desaparecida; refere-se, magoado, à República e ao momento da implantação desta em Setúbal...

[Carta 1]

Em rigor, trata-se de um cartão de visita (111 por 89 mm).

64 - Alberto Pimentel, *Memória sobre a história e administração do município de Setúbal*, Lisboa, Tipografia de G. A. Gutierres da Silva, 1877. Deste trabalho há uma reedição em *fac-símile*, pela Câmara Municipal de Setúbal, em 1992, com prefácio de Albérico Afonso da Costa Alho.

Pela frente tem impresso:
“Arronches Junqueiro
Bibliotecário municipal e secretário do Liceu
Nacional de Setúbal”.

No verso do cartão, com a caligrafia de
Junqueiro, lê-se:

“Ao meu Amigo Silveira.
Junto à *Santa Margarida*
eu lhe prometo em verdade
durante toda a minha vida
a minha eterna amizade.

Arronches Junqueiro
22 – 6.º – 919”.

[Carta 2]
25 – 6.º – 919
Meu caro amigo Silveira
estimo que ao receber d'esta
conserva ainda da festa
uma lembrança fagueira.
Não se poupou à canseira
de me arranjar um almoço
que me fizesse mais moço,
e curasse a figadeira:

Eu sinto em mim nova vida,
respiro mais fundo e forte,
e julgo até que na Morte
preguei tremenda partida!

A horrível comichão
que algum demónio me deu,
curou-a o seu garraão,
foi mesmo um ar que lhe deu...

Amigo meu verdadeiro,
Dá-lhe um abraço apertado
o seu grato e obrigado
amigo Arronches Junqueiro.

[Carta 3]
Meu caro Silveira
Recebi, ontem, o livro do José Albino que fez
favor de me enviar, o que muito agradeço.

Estou-o lendo, para dizer qualquer impressão
que me dê a sua leitura ao meu velho José Albino⁶⁵.

Entretanto, pelo que já conheço dele (fora o
que me diz respeito), o livro tem valor real pois que é
um excelente repositório da / história da Arrábida, e
um belo agente de propaganda turística desse
grandioso rincão do nosso Portugal.

A velhada ainda vai servindo para alguma
coisa, mesmo sem se servir de parceiros. Trabalha na
velha escola e vai assim vivendo na graça do senhor.

Envio-lhe um apertado / abraço pedindo-lhe
que me creia sempre o velho amigo muito grato.

Arronches Junqueiro.

[Carta 4]
23/5/939

Meu caro Silveira
No recital do Orfeão Cetóbriga⁶⁶ deu-se um
caso, deveras sensacional para mim, e em que re-
conheci, imediatamente o *dedo do gigante*, de um
grande e verdadeiro amigo, a quem posso apenas
dizer: Obrigado! Muito obrigado.

Quem, se não você, se lembraria do eremita
da Laje, desse pobre velho, que apenas vive de
recorda/ções, que o decorrer dos anos mais carregam
de saudade? Quem, se não você, se lembraria de
atirar aos quatro ventos do mundo, o nome da minha

65 - Refere-se, por certo, ao livro de título *Arrábida* que José Maria da Rosa Albino (1864-1941) elaborou em 1939 e que saiu impresso em Setúbal, pela Tipografia Sado, de F. Santana, para comemorar o I Centenário da fundação do Antigo Círio da Arrábida, formado em Setúbal. O volume que se guarda na BPMS (FLD A-567) está dedicado “Ao seu querido amigo Luís Silveira, como prova de amizade”. O trabalho abre com “A lenda em verso, da autoria de Arronches Junqueiro” (pp. 12-16). Inclui, ainda, entre as páginas 99 e 113, um texto de Junqueiro sobre as festas da Arrábida, proveniente do trabalho inédito *Setúbal no meado do século XIX*, por nós já referido, antecedido de uma explicação de Albino (p. 93) e de uma missiva do próprio Junqueiro (p. 97): “Meu caro José. Julgando que te seria agradável juntar à tua biografia Arrabidense, qualquer escrito que a ela se refira, e não sendo provável editar tão cedo os meus trabalhos sobre Setúbal, lembrei-me de copiar a parte que relembre a *nossa festa* que, a julgar por mim, te merecerá uma enternecidíssima saudade. Teu velho amigo. Arronches Junqueiro”.

66 - Este agrupamento vocal, fundado em 1926, sucedeu ao *Orfeão Setubalense* que, por seu turno, fora formado após a extinção da *Academia Sinfónica de Setúbal*, criada em 1914. Foi criado a 23 de Janeiro daquele ano, por iniciativa do jurista Henrique Rocha Pinto, na data precisa do nascimento de sua filha primogénita, a qual viria a falecer em 1941, facto que levou Rocha Pinto a ausentar-se para Lisboa, onde passou a residir. A ausência do fundador conduziu à extinção do grupo. O *Orfeão Cetóbriga* teve *hino* com letra do poeta e jornalista setubalense Amílcar Soromenho Coelho (1893-1979) e música de Armando Gomes (1885-1965). Logo após a extinção, foi Soromenho Coelho quem propôs a entrega de todo o espólio do orfeão à Câmara Municipal de Setúbal. O recital a que Junqueiro se refere nesta carta era o segundo realizado pelo grupo. Teve lugar a 22 de Maio de 1939 no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal (que então funcionava, recorde-se, no Liceu Bocage) e foi radiodifundido pela Emissora Nacional, em onda média e onda curta. O espectáculo foi reportado pelo *O Setubalense* de 24 de Maio de 1939. Nessa local pode ler-se, a dado passo: “Todos os números foram aplaudidos com grande entusiasmo pela numerosa assistência, sobressaindo de entre eles os versos “Ocaso”, do mimoso poeta setubalense Arronches Junqueiro, primorosamente recitados por D. Maria Soromenho Coelho”.

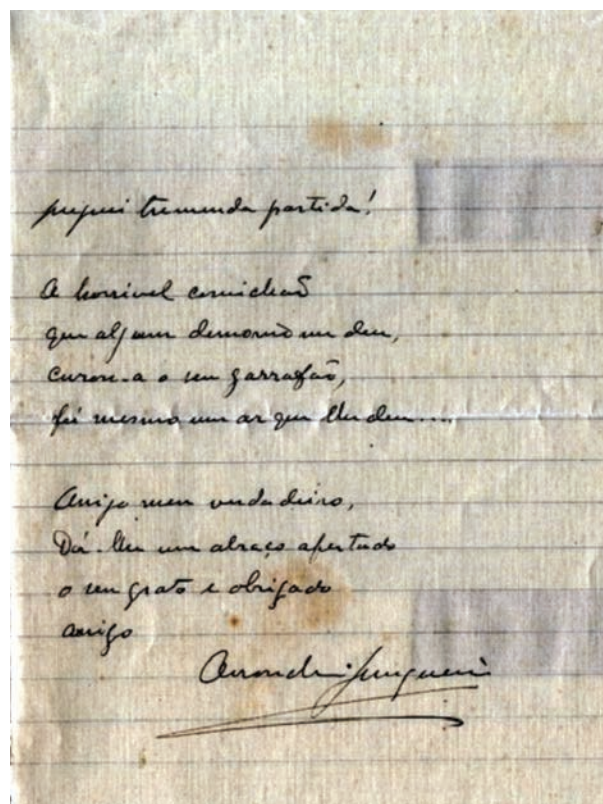
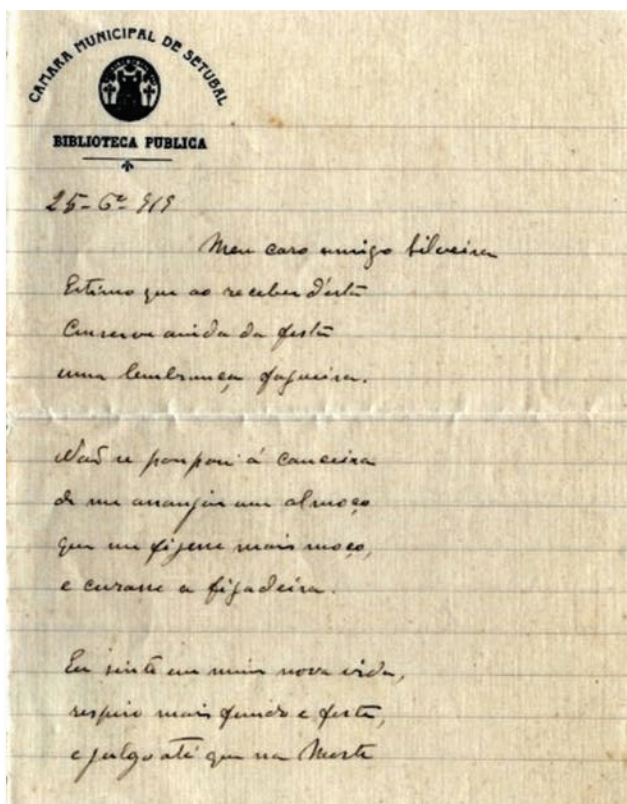


Fig. 6 - Carta de Junqueiro a Luís Silveira, escrita em verso, datada de 25 de Junho de 1919. (Carta 2).

Laje, dessa Laje que fez de mim o que fui, e que, mercê dos amigos, ainda sou?

Quero a esta Quinta da Laje, como se pode querer a uma mãe. E de facto, ela foi a minha mãe espiritual. Foi nela, no seu altar, em que depus os guizos foliões da minha mocidade um tanto agi/tada, que se geraram os meus pequenos triunfos. Foi nela que vivi vinte anos, na contemplação dos infinitos quadros da Natureza, que, purificando a minha alma se abriram os largos horizontes da vida espiritual. Quero-lhe como a minha segunda mãe. A primeira (santa Mãe) deu-me o ser. A segunda abriu, aos meus olhos, a glória eterna do Belo, do Puro, do Simples, trindade augusta em que se desdobra / Deus!

Obrigado, Silveira! Obrigado por ter tido a lembrança, a carinhosa ideia, de dar à minha querida Laje, um lugar ao pé de mim, na festa, repassada de arte, que constituiu o recital do Orfeão Cetóbriga. A todos os que nessa homenagem colaboraram, peço-lhe caro Amigo, que lhes testemunhe o meu eterno reconhecimento.

Arronches Junqueiro.

[Carta 5]

20-6.º-39

Meu caro Silveira

Acabo de receber a sua carta, que li, saboreando as esplêndidas queijadas, que ela, gentilmente acompanhou. Ainda a mastigar gulosamente, articulo esta palavra: obrigado!... Que Deus, Nosso Senhor, lhe pague em doçuras de vida, quanto em doçuras de paladar me proporcionou. Mais uma vez, Silveira Amigo, um gran/de abraço, e muito e muito obrigado!

Fico ciente do que me diz com respeito ao livro do Pimentel que lhe *encomendei*.

Com respeito à procissão de S. Jorge, folgo que não mantenha a indecorosa feição que ainda lhe conheci⁶⁷. A tradição deve ser respeitada, mas só no que ela tiver de respeitável. Que diríamos nós se o nosso Presidente Carmona viesse, altas horas da noite, no meio de archotes, dançar / pelas ruas de Lisboa, como o fazia o nosso bom Rei D. Pedro I? Nem tudo é digno de passar à posteridade.

No próximo domingo, 25, conto ir aí para assistir à procissão, e logo que chegue a essa cidade procurá-lo-ei no Registo Civil.

67 - Em Setúbal no meado do século XIX Junqueiro dedicou todo um capítulo a esta festa.

Agradeço as *Notas* que me anuncia oferecer-me⁶⁸. Sinto-me faraó debaixo da pirâmide dos seus favores!

Reservando os meus agradecimentos por tudo quanto / me vem demonstrar a sua velha amizade, envio-lhe um abraço muito apertado e muito sincero.

O seu velho Amigo.

Arronches Junqueiro.

[Carta 6]

27-6.º-1939

Meu caro Silveira

Apesar de saber que o *elogio em boca própria é vitupério*, não me posso furtar a essa vaidade, no que respeita ao meu livro sobre Setúbal na segunda metade do século XIX.

Se o não tivesse escrito, o meu amigo não perpetuaria cenas, factos e personagens, que serão no futuro de incalculável valor para quem se disponha a fazer o estu/do detalhado, histórico desta terra⁶⁹.

O *nosso trabalho*, não poderia ser realizado pelos novos. Os velhos, capazes de o fazerem, sumiram-se de há muito na morte. Somos por isso os últimos *Abencerragens* de uma geração que passou. Eis o motivo por que me aplaudo por ter escrito aquelas notas, embora muito pessoais, porque elas foram a causa do seu aditamento, muito menos pessoal, mas muito mais interessante sob o ponto de vista histórico.

Dito isto, vou entrar na apre/ciação do seu livro, que me deixou impressionado, apesar de conhecer já algumas das suas notas. Li-o de um fôlego, cheio de interesse, como se de coisa nova se tratasse. Creio que esta revelação é prova bastante do seu valor real, como fonte informadora. Por esta razão passo a dizer-lhe do efeito moral que me produziu. A sua nota sobre Brancanes, põe em relevo uma das mais tristes manifestações da vida setubalense, ou antes, uma das mais dolorosas feridas que mãos criminosas vibraram no coração / carinhoso e bom desta terra de homens do mar, rudes, mas nobres, violentos, mas humanos!

A sua descrição é sugestiva. Vemos toda aquela orgia macabra, cujo vômito enodoou ao nascer a República que sonháramos! Por desgraça nossa, essa *mancha de lama* faz parte da história de Setúbal; e, o que é pior, imprimiu-lhe, quem sabe se para sempre, a *má vontade*, a *antipatia* de que vem sendo vítima há tantos e tantos anos... como você diz, e muito bem, no final da referida nota.

Aproveito a ocasião para lhe notar que eram da ordem Franciscana, e não Varatojana, os frades que estavam em Brancanes em 1910.

Cá o espero sempre com prazer. Os meus encomendam-se, e eu envio-lhe um grande abraço de sincero reconhecimento.

Seu amigo sincero e obrigado.

Arronches Junqueiro

[Carta 7]

18-Julho-1939

Meu caro Silveira

Agora que me dispunha a agradecer-lhe a sua *lembrança alentejana*, verifico, com bastante mágoa que não sei escrever.

Há quem julgue que sou um homem de letras, e, confesso, algumas vezes chego a supor que sim; mas em breve a desilusão me traz à realidade, que o incenso dos amigos velava aos meus olhos, não sei se ingénuos / se vaidosos... Ora aqui me tem em prova. Não sabendo agradecer, não tendo maneira de exprimir o que sinto, por forma a satisfazer o meu espírito, concluo, com muita mágoa, repito, que não sei escrever. Isto faz-me lembrar um poeta a quem uma freira mandara um cabaz cheio de doces. O poeta quis agradecer em verso, como lhe cumpria, e nada. Tentou o poema, o soneto, a simples quadra, o vilancete, e nada! As musas abandonaram / o triste poeta. Procurou na prosa o meio de testemunhar o seu reconhecimento à deliciosa freirinha, e nada. O leigo do convento esperava... O poeta, convencido de que esgotara todos os meios laudatórios, num grande desalento, disse para o leigo: Olhe. Diga à soror xxx que... e procurou ainda uma frase de efeito... que... *ai vai o cabaz*.

68 - Junqueiro refere-se ao livro de Luís Silveira *Anotações ao livro 'Memória sobre a história e administração do Município de Setúbal' (subsídios para a história de Setúbal)*, Setúbal, 1942, que se conserva inédito, dactilografado, na Biblioteca de Setúbal (FLD B-182). Voltará a referir-se a este trabalho do amigo na carta seguinte.

69 - Junqueiro refere-se ao livro de Luís Silveira *Setúbal na primeira metade do século XX. Notas subsidiárias ao livro Setúbal nos meados do século XIX de Arronches Junqueiro*, Setúbal, 1939, que se conserva inédito, dactilografado, na Biblioteca de Setúbal.

Estou nos casos do poeta. Nada mais lhe sei dizer do que esta simples palavra, que diz muito e não diz nada, esta palavra que só os corações enten/dem a verdadeira intenção: Obrigado.

Conto ir para a feira no próximo domingo. Espero-o na Casa das Águas depois de almoço, se não o for seringar ao Registo Civil.

Cumprimentos e agradecimentos de todos, e um apertado abraço de muito reconhecimento do seu velho amigo de sempre.

Arronches Junqueiro.

[Carta 8]

18-8-39

Meu caro Silveira

Constato que, sempre que tenho de dirigir-me a si, é o agradecimento o tema primordial do meu discurso, escrito ou falado.

Hoje, como sempre, venho agradecer-lhe, não só os bolos que me mandou, como as palavras que os acompanham, talvez mais agradáveis ainda porque as recebe o coração.

Está então a contas com as Eumenes⁷⁰? Sabe? Ao ler a sua carta / que começa com essa notícia, tive a impressão que a minha prosa tivera o condão de o trazer ao campo entomológico, de o transformar num *croca bichinhos*⁷¹ como eu, num colega, enfim! Estava a vê-lo, de rede na mão, caixa de lata a tiracolo, devassando moitas, sacudindo arbustos, inspeccionando cascas de árvores velhas, atento, indiferente ao sol, ao vento, às lavadeiras que passam encarrapitadas nos burros sobre os sacos de roupa como galinhas no choco! O Silveira! O homem moderno, o repórter, o irrequieto Silveira, desapareceu / aos meus olhos, para só ver o *croca bichinhos* a que acima aludi!... Claro que tudo isto foi rápido. Passou no meu cérebro como um relâmpago, segui logo o texto da sua carta pela qual vejo que lhe dou trabalho de paleógrafo. Mas você vinga-se! A sua carta levou bastante tempo a ser decifrada por mim! E ainda

ficaram certas partes obscuras. A vingança é o prazer dos deuses.

A sua visita é-me sempre motivo de prazer, e até de efeito terapêutico notável. Contudo, compreendo bem as dificuldades que aponta. Tive, efectivamente, / no passado domingo visitas que me deixaram bela impressão. A parte feminina é ainda aparentada, primas em terceiro grau, da masculina faziam parte o Celestino Pinto, o Revez e o Costa Reis do Ultramarino, que não conhecia, e para mim foi agradável. A minha neura, aqui, que não posso *rebutar com ninguém*, resolveu-se a tomar a forma de sonolência. Não me podendo zangar, durmo. Se não é tão espectacular, há-de concordar que é muito mais sereno e inexpressivo. Vai no fim o papel... estou um tagarela impenitente! Mas apesar disso creia-me sempre o seu velho amigo.

Arronches Junqueiro.

[Carta 9]

16-Out.º-1939

Meu caro Silveira

Junto deverá receber umas romãs, para a sua sobremesa.

Deus castiga a vaidade, é certo.

Afirmava eu que ninguém possuía romãs iguais às minhas... Parece que lhes dei mau-olhado! Venham cá dizer-me que “o olho do dono faz crescer a seara”. Fará! Mas não conserva a superioridade das romãs.

O tempo está azedo, e como que / a despedir hóspedes.

O que vai por aí, por esse “burgo podre”, como lhe chamava o nosso Fran Paxeco? Tinha tenção de ir aí, mas um ataque de preguiçite obstou a que o fizesse. Não imagina, meu bom Amigo, como estou *chato*, preguiçoso, estúpido!

Eu já era de tudo isto um pouco... mas agora refinei. Assusta-me já a ideia do meu cubículo da Rua dos Ourives⁷², com o respectivo sótão e ane-

70 - *Eumenes*: género de insectos himenópteros – ordem dos artrópodes (organismos com apêndices articulados), com dois pares de asas membranosas de dimensões diferentes, aparelho bucal triturador e metamorfoses completas – da subordem dos aculeados (providos de ferrão), família dos vespídeos, tribo dos eumenídeos, com várias espécies na Europa, de que é tipo a *E. pomiformes* Fabr.

71 - Por “coca-bichinhos”. Note-se que “croca” significa “cavidade em madeira”. Daqui deriva “croco”: “que tem vazio, cavidade; oco”.

72 - A antiga Rua dos Ourives tinha começo na Rua da Misericórdia (artéria que entretanto foi absorvida pelo actual Largo da Misericórdia) e terminava na Rua dos Mercadores (nas proximidades do Largo da Ribeira, hoje Largo Dr. Francisco Soveral). Em 1890, como reacção ao *Ultimatum* inglês de 11 de Janeiro, alguns moradores requereram à Câmara Municipal que aquela artéria passasse a denominar-se Serpa Pinto, em homenagem ao intrépido africanista. A Câmara anuiu ao pedido e a 29 de Janeiro oficializou-se a alteração toponímica. A nova designação passou a englobar o traçado de duas antigas artérias: a Rua dos Ourives e a Rua dos Mercadores que se iniciava junto ao já referido Largo da Ribeira Velha e terminava na Praça de Bocage. Em Março de 1935, o troço compreendido entre a Misericórdia e o Largo da Ribeira passou a ser denominado Rua Dr. Paula Borba, em homenagem a este médico e benemérito, primeiro cidadão honorário de Setúbal.

xos... o agulheiro da *sala* com o seu Lázaro e Madalena / muito negros nas suas molduras pretas, cor de casco de barco, a coluna com o rádio, ganindo os fox e tangos, entremeados de trágicas notícias da guerra, e do Alfredo Marceneiro gemelicando a “Mocita dos Caracóis”! Um horror! Perguntar-me-ia você, se o pudesse fazer, *porque vem então?*

Vou, porque é costume ir, e hábito velho deixar uma casa para sentir saudades, e encafuar-me noutra para os vir a ter mais tarde.

Enfim, pelo tamanho da carta / pode você calcular como estou maçador. O que o espera, meu pobre Silveira! Mas não se assuste, e sobretudo não queira muito mal ao seu velho e rabugento Amigo de sempre.

Arronches Junqueiro.

[Carta 10]

3 – 2.º – 940

Meu caro Silveira

Acabo de receber a sua carta acompanhando uma lembrança, que muito e muito agradeço, não só em meu nome, como também no da minha mulher e cunhada, que reconhecidas agradecem a sua amabilidade.

Deseja você, Silveira, que saboreemos os *coscorões* com algum bem-estar. Sei bem o quanto é sincero esse desejo seu; e por esse motivo fui já avançando com eles, não seja o diabo torto, e já lhe posso afirmar que são deliciosos / os seus *coscorões*, e levaram já um rombo de respeito.

Mas sabe, Silveira, o que mais do que as *filhoses* ou *coscorões*, me soube bem?

Foi a sua lembrança, tão portuguesa, tão nossa, tão de amigo, que quase me enterneceu. Como sabe, eu sou homem de intenções... e a sua intenção foi tão amiga, tão fraternal, que o meu coração recebeu-a num aleluia de festa, a que ele (pobre coração) anda tão afastado, de há tanto tempo!

Dito isto, porque tinha necessidade de dizê-lo, não para si, mas para mim próprio, vamos a outro assunto / embora mais frívolo, mas evidentemente mais alegre: a distinção entre *coscorões* e *filhoses*. Estas são conhecidas vulgarmente como bolos fritos (almôndegas, fartos, sonhos) e aquelas designam

frituras de massa estendida, polvilhada de açúcar e canela, ou calda de açúcar, ou mel. Qualquer das formas é boa, mas o que as torna superiores é o significado. *Coscorões* quer dizer Carnaval, e Carnaval é uma quadra que eu vejo ainda, muito ao longe, no meu passado cheio de uma alegria sem motivos que a torna fantástica. Que prazer / sentia em esborrachar um ovo fresco (se fosse choco melhor) no cabelo doirado de uma cobiçada beldade que pretendia requestar! Que delícia!

E nos bailes... Suado, encharcado em bisnagas, enfarinhado como um padeiro, valsava, valsava num frenesi de loucura, enquanto o relógio ia marcando as horas da madrugada... Vinha o dia. Que tristeza enorme. Olhava com saudade os restos desse Carnaval que as carroças municipais, irreverentemente levavam para as montureiras.

Eu quase tinha a sensação de que alguma coisa morrera em mim. E morrera de facto, se alguma vez teve vida real, a minha alegria.

Seu velho Amigo.

Arronches Junqueiro.

[Carta 11]

5 – Maio – 940

Meu caro Silveira

Só depois da sua partida soube da oferta do magnífico queijo que destinou à minha voracidade. Por esta razão não lhe dei o abraço regulamentar que é de uso em casos como este. Venho pois cumprir esse preceito, antegozando o prazer de encetar o queijo, grande como uma roda de carro etrusco, e tentador (como hei-de concluir a frase?) / tentador como o pecado, ora aí está. *Ele é queijo* e está dito tudo.

Tenho notado que as minhas cartas são sempre de agradecimento, sempre portadoras dos meus mais afectivos protestos de amizade reconhecida. Quando poderei, eu, merecer uma do meu amigo?

Lembra-me uma certa comédia do Ginásio, com o Vale⁷³, em que este, eterno devedor, se acha um dia, finalmente credor!... A alegria louca com que o Vale repetia: “*Sou credor*”, “*Sou final/mente credor*”! Estou num caso semelhante. Então os seus companheiros foram muito aborrecidos? O Sr. Pires gostou da *carochada*? Fiz a diligência de ser pouco

73 - Supomos que o epistológrafo da Quinta da Laje se refere a José António do Vale nascido em Lisboa a 20 de Outubro de 1845 e falecido na mesma localidade a 20 de Fevereiro de 1912. (Sousa Bastos, *Op. Cit.*, p. 274 e *Grande Enciclopédia...*, vol. 33, pp. 842-843).

chato. Não sei se o consegui. Se o não consegui, lance sobre a sua pessoa a responsabilidade do delito, e será esse mais um favor que terá de agradecer-lhe o seu velho e sincero Amigo.

Arronches Junqueiro.

[Carta 12]

12 – Maio – 940

Meu caro Silveira

Junto um soneto que compus no próprio dia da homenagem (3 de Maio) visionando a Arrábida, as cerimónias e outros actos de enternecedora emoção, que o meu estado de saúde e de espírito me não deixou gozar. Compondo, *in mente*, o cenário e interpretes, senti que a minha alma voava para essa Arrábida cheia de majestosa poesia e de misteriosos encantamentos, e meu lápis traduzindo uma parte mínima dessa emoção, traçou o soneto, a que no começo aludi, e que, como todos os meus originais, lhe pertence.

Quando aqui entrou com o Sr. Pires e outros amigos lembrei-me de lho dar. Mas, como explicar a minha abstenção na festa? Como fazer crer que esta abstenção não tinha por motivo nem causa diametralmente oposta à que eu exporia? Calei-me. Resolvi levar-lhe os versos quando aí fosse, visto que lhe pertenciam de direito. Outro *mas* se seguiu... Quando irei eu aí? Quando terei coragem de mergulhar de novo nessa *civilização atordoadora*? Nem eu sei. Aproveito a esta/da no campo não só para me curar o corpo, mas principalmente para combater o vírus terrível dos maus pensamentos, dos ódios, das raivas, desses mil *nadas* que são o *tudo* dos meios citadinos. Acho-me um pouco melhor. Cumprimentos aos nossos comuns amigos Oliveira, Pires, etc. e aceite um apertado abraço do seu velho e dedicado amigo.

Arronches Junqueiro.

A Fr. Agostinho da Cruz

Não mereço, por mal dos meus pecados,
o favor de me ouvires nas alturas
onde a tua alma vive, entre as venturas
que só concede Deus aos seus amados.

Longos séculos, correndo, vão passados
sobre tão nobre vida de amarguras!
Bendito sejas tu, que inda seguras,
com a luz da tua Fé, os desgraçados.

Eu me prostro, em respeito, ajoelhado
perante essa lição consoladora
que teve, em ti, o espelho imaculado,

para que à minha vida pecadora
possa descer o orvalho sublimado
da tua santa bênção redentora.

Arronches Junqueiro.

3 de Maio de 1940, pelas duas horas da tarde.

Bibliografia

ADÃO, Cabral (1954) - O Direito de viver, *O Distrito de Setúbal*, 24 de Março de 1954.

ALBINO, José Maria da Rosa (1892) - *Roteiro da cidade de Setúbal*. Elvas: Tipografia Elvense de Samuel E. Baptista.

ALBINO, José Maria da Rosa (1913) - *Roteiro da cidade de Setúbal*. Setúbal: Tipografia Albino.

AA.VV. (1965) - *Evocando poetas, compositores, artistas setubalenses*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal/Academia de Música e Belas Artes Luísa Todí.

AA.VV. (1983) - *Arronches Junqueiro. Naturalista, Arqueólogo... Poeta setubalense*. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Setúbal.

AA.VV. (1984) - *A Imprensa em Setúbal. 1855 – 1983*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal/Associação dos eleitos comunistas e outros democratas/Biblioteca Municipal de Setúbal.

BASTOS, Sousa (1994) - *Dicionário do Teatro Português*, Coimbra, Minerva, p. 333. Edição fac-similada da primeira, de 1908.

Câmara Municipal de Setúbal (1912) - *Relatório das gerências de Outubro de 1910 a Dezembro de 1912*, Tipografia Santos.

CLARO, Rogério (2000) - *Um século de ensino técnico profissional em Setúbal. História da Escola Secundária Sebastião da Gama*. Setúbal: CMS.

ENVIA, João Francisco (2003) - *Setubalenses de mérito*. Setúbal: Ed. do autor.

ENVIA, Manuel (1947) - *Coisas de Setúbal*, 2.^a Ed.. Setúbal: ed. do autor.

FERREIRA, Nathalie Antunes; COSTA, Francisco Assis e NETO, José Luís (2006) - *Material osteológico da colecção Arronches Junqueiro. Subsídios para o estudo da história local*, vol. 2. Setúbal: Câmara Municipal de

Setúbal/Rede Portuguesa de Museus/Instituto Português de Museus/Ministério da Cultura.

FIALHO, Alberto (1940) - Gente do mar. Nossa Senhora do Cais, *O Setubalense*, 16 de Setembro de 1940.

FIGUEIRA, Manuel Henrique (1999) - *O Liceu de Setúbal. Das origens à Escola Secundária de Bocage (1857-1999)*. Setúbal: Escola Secundária de Bocage.

GARCIA, Fernando (1916) - As doenças de Setúbal. 1911-1914. *A Medicina Moderna*, separata dos n.ºs 267 e 268. Porto: Tipografia a vapor da Empresa Guedes.

GARCIA, Fernando (1919) - As doenças de Setúbal. 1918. *A Medicina Moderna*, separata dos n.ºs 298 e 300. Porto: Tipografia a vapor da Empresa Guedes.

GONÇALVES, Victor dos Santos (1965) - Arronches Junqueiro e Tróia de Setúbal. *O Arquivo de Beja*, Vol. XXII. Beja: Minerva Comercial.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa/Rio de Janeiro: Ed. Enciclopédia.

GUERREIRO, A. Machado (1976) - *Teatro Popular Português, coligido por José Leite de Vasconcelos*. Vol. I (Religioso), Acta Universitatis Conimbricensis.

HENRIQUES, António (1954) - Cartas do Moinho dos Buracos. Arronches Junqueiro, I a VIII. *O Setubalense*, 25 de Janeiro de 1954 a 15 de Março de 1954.

HENRIQUES, António (1960) - Vultos ilustres de uma cidade de cem anos. Arronches Junqueiro. *O Setubalense*, 2 de Maio de 1960.

JESUS, Henriques de (1955) - *Subsídios para a história do jornalismo setubalense*. Setúbal.

JUNQUEIRO, Arronches (1894a) - *Flores d'Alma*. Setúbal: Tipografia Mascarenhas.

JUNQUEIRO, Arronches (1894b) - *Júlia – peça em 4 actos*. Setúbal, dactilografado, (BPMS: FLDA-44).

JUNQUEIRO, Arronches (1896) - *O Asceta: poesia*. Setúbal, s/n, Julho de 1896, (BPMS: FLDR-1090).

JUNQUEIRO, Arronches (1897) - *A Barcarola: drama em 4 actos*. Lisboa: Manuel Gomes Ed.

JUNQUEIRO, Arronches (1900a) - Estudos sobre Tróia de Setúbal. *O Arqueólogo Português*, n.º 5. Lisboa.

JUNQUEIRO, Arronches (1900b) - Questionário sobre as crenças relativas aos animais. Respostas. *A Tradição*, Ano 2, n.º 11, Vol. 2, Serpa, Novembro de 1900, p. 175.

JUNQUEIRO, Arronches (1900c) - Setúbal: crenças, superstições e usos tradicionais. Lobisomens e bruxas. *A Tradição*, Ano 2, n.º 2, Vol. 2, Serpa, Fevereiro de 1900, p. 21-22.

JUNQUEIRO, Arronches (1900d) - Setúbal: crenças, superstições e usos tradicionais. Sonhos e agouros. *A Tradição*, Ano 2, n.º 4, Vol. 2, Serpa, Abril de 1900, p. 54-56.

JUNQUEIRO, Arronches (1900e) - Setúbal: crenças, superstições e usos tradicionais. Amuletos. *A Tradição*, Ano 2, n.º 8, Vol. 2, Serpa, Agosto de 1900, p. 124-125 e 138-139.

JUNQUEIRO, Arronches (1902) - Antiguidades dos arredores de Setúbal: povoação romana de Alferrara. *O Arqueólogo Português*, n.º 7. Lisboa.

JUNQUEIRO, Arronches (1906) - *Superstições e usos tradicionais em Setúbal*. 1.ª Parte, Setúbal: Tipografia Mascarenhas.

JUNQUEIRO, Arronches (1914) - *Laura: poema em cinco cantos*. Setúbal, dactilografado, (BPMS: FLDA-38).

JUNQUEIRO, Arronches (1916) - *Abelha e Malmesquer: diálogo infantil em verso*. Setúbal: Tip. Mascarenhas, (BPMS: FLDR-58).

JUNQUEIRO, Arronches (1918) - *Paz! Setúbal*, s/n.

JUNQUEIRO, Arronches (1920a) - *Autos de Natal: estudos setubalenses*. Setúbal, dactilografado, (BPMS: FLDA-45 a 49).

JUNQUEIRO, Arronches (1920b) - *Pedaços d'Alma*. Setúbal, dactilografado, (BPMS: FLDA-43).

JUNQUEIRO, Arronches (1936) - *Setúbal no meado do século XIX*, original manuscrito, Setúbal: Quinta da Laje, (BPMS: FLDA-50).

JUNQUEIRO, Arronches - *Teatro Infantil*, Setúbal, dactilografado (BPMS: FLDA-59).

MARTINS, Idília das Mercês Sousa (1993) - A Biblioteca Municipal, in Maria Conceição Quintas (coord.), *Monografia da Freguesia de S. Julião*. Setúbal: Junta de Freguesia de S. Julião.

PAXECO, Fran (1930) - *Setúbal e as suas celebridades*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia.

PIRES, Daniel; MARCOS, Fernando; ROSA, Quaresma (cat. coord e textos), *Setúbal – terra de poetas e cantadores*, Setúbal, Centro de Estudos Bocageanos, 2001.

POIRIER, Manuel (1955) - Setúbal e os seus museus. II Museu Arronches Junqueiro. *O Setubalense*, 16 de Fevereiro de 1955.

QUINTAS, Maria da Conceição (1993) - *Setúbal nos finais do século XIX*. Lisboa: Ed. Caminho.

RIBEIRO, João Reis (2001) - Importante figura da cultura setubalense nos séculos XIX e XX. Arronches Junqueiro. *Jornal da Região*. “Setúbal/Almada”, de 12 de Junho de 2001.

RIBEIRO, João Reis (2003) - *Histórias da região de Setúbal e Arrábida*, vol. I, Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos.

SEROMENHO, Luzia Ruivo (2006) - Arronches Junqueiro, o poeta arqueólogo, *Subsídios para o estudo da história local*, vol. 2. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal/Rede Portuguesa de Museus/Instituto Português de Museus/Ministério da Cultura.

SILVA, Carlos Tavares da (1963) - O Museu Arronches Junqueiro do Liceu de Setúbal. *O Setubalense*, 31 de Agosto de 1963.

SILVA, Carlos Tavares da (1966-1967) - O Povoado pré-histórico da Rotura (Nova contribuição para o seu estudo). *Arquivo de Beja*, XXIII-XXIV, p. 164-172.

SILVA, Carlos Tavares da (1968) - A Secção de Arqueologia do Museu de Setúbal. *O Setubalense*, 28 de Fevereiro de 1968.

SILVA, José António Januário da (1891) - *Roteiro da cidade de Setúbal*. Setúbal: Tip. Nova Havaneza.

SILVEIRA, Luís (1939) - *Setúbal na primeira metade do século XX. Notas subsidiárias ao livro Setúbal nos meados do século XIX de Arronches Junqueiro*, Setúbal.

SILVEIRA, Luís (1942) - Anotações ao livro '*Memória sobre a história e administração do município de Setúbal*' (subsídios para a história de Setúbal), Setúbal.

VILHENA, António Mateus; PIRES, Daniel (2002) - (sel., pref., actualização de texto e notas), *A Serra da Arrábida na poesia portuguesa*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos.